RL

revista literária

26

revista literária do corpo discente da ufmg

REVISTA LITERÁRIA DO CORPO DISCENTE DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Patrocinada pela Reitoria da UFMG

DEZEMBRO DE 1995/JANEIRO DE 1996 * ANO XXX * NÚMERO 26

Revista Literária do Corpo Discente da Universidade Federal de Minas Gerais

Coordenador: CARLOS ALBERTO MARQUES DOS REIS
Subcoordenador: RONALD CLAVER CAMARGO

*

BELO HORIZONTE - MINAS GERAIS - BRASIL

COMISSÃO JULGADORA DO 26º CONCURSO DE CONTOS E POEMAS

CONTOS

CARLOS HERCULANO LOPES
LETÍCIA MALARD

POEMAS

ANTÔNIO DE PÁDUA BARRETO
RITA DE CÁSSIA ESPESCHIT BRAGA
RONALD CLAVER CAMARGO

COMISSÃO JULGADORA DO CONCURSO DE ILUSTRAÇÕES

ISABEL CRISTINA DE AZEVEDO PASSOS
MARCELO KRAISER
VLAD EUGEN POENARU

*

REVISÃO: João Carlos de Melo Mota

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA: Rodrigo Braga Lara

DIGITAÇÃO: Ana Lúcia Roque Braga
Nelsa Rita Barbosa Bianchi

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA

REVISTA LITERÁRIA DO CORPO DISCENTE DA UFMG

AVENIDA ANTÔNIO CARLOS, 6627 - FALE/UFMG - SALA L. 4004
31270-010 - BELO HORIZONTE - MINAS GERAIS - BRASIL

ÍNDICE

CONCURSO DE CONTOS

CONCURSO DE POEMAS

SEGUNDA SEÇÃO

POEMAS

CONTOS

ENSAIOS

RESENHA

Esse número é dedicado a

Murilo Rubião
e a
Ton Jobim

RL

revista literária

CONCURSO DE CONTOS

1º Lugar

Pseudônimo: CHARLOTE ESTEPHÂNIA

O FIO DA MEMÓRIA

Bernardo Rigueira Rennó Lima
FAFICH - Comunicação Social

Ela dorme. Quando acorda nem se dá conta. Não se lembra de lembrar de algo até perceber que não sabe onde está. E neste momento, pela primeira vez, a memória adormecida falha.

Sabe que algo aconteceu. Ou melhor, desconfia. Talvez uma festa. Não se lembra de ter bebido tanto. Não se lembra nem de ter bebido. Tudo foge, soa falso. A elegante blusa branca manchada e rota. A Saia preta de bom pano rasgado. A meia enlameada e cheia de grandes e redondas ausências. Em uma das pontas, um dedão vermelho e sujo. Ela desconhece completamente aquele dedo ridículo. Sente o melado no canto da boca e a remela empapando os olhos. Uma casca lhe repuxa a pele em torno dos lábios. Precisa de um espelho. Tem medo de estar com a aparência terrível. Mas talvez ela não tenha mesmo uma boa aparência. Lamenta não ter um espelho à mão. Mas, bem, pelo menos do próprio rosto ela é capaz de lembrar. Forma-se em sua mente uma imagem desfocada de uma face não identificável. Depois uma outra imagem lhe vem, diferente da primeira e tão incógnita quanto. Mas o que ela podia esperar? Não sabe mais nem o próprio nome. Depara-se com o desconhecido e tem medo.

Uma Mancha de sangue. Não, aquilo na blusa é vinho. Ou sangue? Logo ela que jamais entrara numa briga! Nem para apartar! Aquilo com certeza é vinho. Cheira a blusa mas não sente nada. Só dor. Tenta tocar o nariz com a ponte dos dedos, mas a dor é insuportável. É estranho não ter notado a dor até agora. Talvez algo mais lhe doesse em segredo. Tem medo. Subitamente percebe estar com medo do próprio corpo. Aquele corpo estranho, sem nome, sem história.

Sem medo daquele nariz quebrado. Logo ela que jamais entrara em uma briga! Ou entrara? Lamenta novamente não ter um espelho por perto. Por outro lado, sente agora um medo terrível do próprio rosto, daquele corpo desconhecido, de possibilidades infinitas. Pensando bem, é melhor não ter um espelho por perto.

Olha em volta ainda com a visão enevoada. Está em um quarto marrom. Não sabe qual. As paredes são de barro. Só um lampião para lhe contar do mundo. Não está deitada em uma cama, mas em uma esteira. Não é bem um quarto, mas uma casa. Minúscula e de barro. Lá fora - nota por uma janela na parede direita, está escuro. 'Ainda é noite ou já será uma outra noite?' Ela não sabe muito bem por que pensou nisto. Afinal, o que sabe ela agora sobre as noites? Nada. Além, é claro, de que são feitas da mais profunda escuridão.

Um som sibilante a faz virar para o lado esquerdo. O corpo todo, como ela temia, dói. No canto esquerdo, o que canta é uma chaleira sobre o fogo de um pequeno fogão a lenha. Alguém esteve aí há pouco. E, por certo, logo estará de volta. Ela tem de fugir. Também não sabe bem por que, mas tem de fugir. Outra vez o medo do desconhecido. O desconhecido que a qualquer instante pode entrar por aquela porta de madeira podre. Tenta levantar e se vê vencida pela dor. Todo o corpo está contra ela. A dor é absoluta, insuportável. Desmaia.

***

O sol arde nos olhos fechados, então ela os abre. A mesma parede de terra batida agora é outra sob a luz do sol. A janela escura não podia ser mais azul. O corpo muito claro ainda dói. Menos, mas dói. O corpo nu. Num reflexo ela puxa o lençol até a altura do pescoço. Reflexo pudico e doloroso. Talvez o corpo ainda lhe doa igual. Sua aparência deve estar terrível. Isto não importa, ela está nua. Como está nu o homem ao seu lado. Ela grita uma lâmina cortante. Ele acorda:

— O que é isso?!

Ela não sabe se grita de novo ou se o contempla, maravilhada. Aquele moreno, quase negro. A chaleira esfria sobre o fogão de lenha. Ela ferve.

— Que susto, Irene! Você está bem. - Ele se aproxima.

— Sai daqui. - ele disse um nome, 'Irene'? - Não me encosta.

Ele senta no canto inferior da esteira.

— Tudo bem, não encosto. Mas fica calma. Você não está em condições de se exaltar.

— Então se cobre. Fica nu como se fosse a coisa mais natural do mundo.

— E não é? - ele sorri de um jeito malicioso enquanto se cobre. Por um momento, ela chega mesmo a crer que a nudez seja a coisa mais natural do mundo. Mas aquele sorriso. Ele é bonito mas não confiável. Nenhum homem é confiável. Mesmo que pareça merecer confiança, um dia ele a trai. Os homens não prestam.

— Quem é você? O que nós estamos fazendo aqui? Onde estão nossas roupas?

— Calma. Uma pergunta de cada vez. - Aquele sorriso de novo. Ele não presta. - Pelo jeito que você segura este lençol, imagino que esteja mais preocupada com suas roupas. Estão ali, perto do fogão, secando. Estavam muito sujas e fui lavá-las hoje cedo.

O sangue. Ou era vinho? Instintivamente ela toca o nariz. Dói.

— Cuidado.

— Não me encosta. Pode deixar, já passou. - Ela mente.

Você está mentindo, Irene. - 'Irene', outra vez?! - Eu sei que deve estar doendo. O acidente foi sério. Agora chega de brincadeira e deixa eu ver este nariz direito.

— Não chega perto. Já disse.

Ele pára. Mantém o olhar fixo sobre ela. Não existe mais qualquer sinal de sorriso em seus lábios. Aqueles olhos negros são assustadores. Lindos.

— Você ainda não disse o que estamos fazendo aqui. De que acidente você está falando?

— Do acidente. Como assim 'de que acidente'? O acidente de carro. Lembra? Nós dois, voltando da festa de ano novo. O caminhão na contramão. Pelo amor de Deus, Irene.

Primeiro, o silêncio. Depois uma gargalhada grossa de homem rompe com a paralisia do ar.

Só agora ela percebe que ele tem os cabelos raspados. E não é moreno, é negro mesmo. Não chega a ser azul, mas é negro. E lindo. Lindo como um cavalo. Ela sente vergonha de estar admirando um negro. Olha para baixo. O corpo dela é branco, muito branco. E ainda está manchado de vinho. Ou de sangue.

O negro ainda está rindo. Levanta-se e deixa novamente exposta sua nudez. Nudez de cavalo. Nudez absoluta da qual ela não consegue escapar. Ele vai até perto do fogão de lenha e apanha as roupas.

— Você perdeu a memória. Está com amnésia. Você, minha

esposa, com amnésia. - 'esposa'? Então ela era esposa de um negro? Impossível. Bem, o racismo é pecado, não é? - Estão secas. Pode vestir se quiser.

Ele joga a blusa ainda levemente manchada e a saia rasgada sobre ela. Ele continua falando porque ela não sabe mais o que dizer:

— Se eu fosse você, tomava um banho direito antes de me vestir. Se é que você já consegue andar.

— É claro que consigo andar. - Ele não sorri mais, mas ela nota o sorriso maldoso no ar. Homem não presta. Mas aquele homem é seu marido! Tudo ficou inverossímil de repente. - Onde é que vou tomar banho aqui?

— Tem um riacho descendo. Do lado direito. Pode ir que você vai ouvir o barulho. - O maldito sorriso se concretiza. - E não se preocupe que não tem ninguém para te olhar. Já procurei.

Ela se enrola no lençol e tenta levantar. Uma dor profunda toma conta do corpo alvo e o joga violentamente contra o chão. Ela cai. O negro avança e a segura nos braços. O corpo branco e fraco. Os braços negros e firmes. Seu marido. A vista ameaça escurecer. A aparência dela deve estar péssima. Ele é tão bonito. Tão negro. O lençol há muito já chegou ao chão. Os corpos nus se tocam. Ele mantém os olhos fixos nos dela. Pode ver a alma clara. Pode ver que ela teme ser violentada. Mas é o que mais deseja. Mas, se ele é o marido. Canalha! Não presta. Homem nenhum presta. Nem os maridos prestam.

Ele a coloca cuidadosamente sobre a esteira. Ela sente um medo terrível de ser estuprada pelo próprio marido. Desespera-se ao notar que vai desmaiar. Justo agora.

***

Ela acorda. Parece estar melhor. Lembra-se do negro. Não está. Talvez jamais tenha existido. Marido! Não adianta, ela não lembra de nada. O dia ainda está claro. Talvez agora ela possa tomar o tal banho. Ainda está suja de sangue. Muitas manchas, todas secas. Menos uma, ainda úmida, entre as pernas. O negro existe. A curra existiu. Mas, se ele é o marido... Ela precisa limpar aquele sangue, depressa. Está manchada, suja daquele sangue entre as pernas. As outras manchas não incomodam mais. Só aquela, a mais nova e a mais terrível. Patife.

Devagar ela consegue se levantar. Enrola-se no lençol e fica pensando o que um lençol novo como aquele estaria fazendo ali. Aque-

le lençol parece dizer mais a ela do que todo o resto. Não interessa, precisa lavar-se. Está com nojo do próprio corpo. A dor física diminuiu, mas aquele corpo branco talvez nunca lhe tenha feito sofrer tanto.

Com uma mão segura as roupas rasgadas. Com a outra, abre a porta do casebre. Não imagina quanto tempo ficou ali dentro. A claridade do fim do dia lhe ataca violentamente. Precisa cobrir rapidamente os olhos com o braço, e isto dói. Respira fundo e começa a andar.

O chão batido é coberto de pedrinhas que lhe machucam os pés. A mata de árvores retorcidas lhe abre trilhas inesperadas à medida em que avança. Precisa se lavar. Precisa se livrar daquela sujeira, daquela aparência horrível. Teme que as águas se transformem em espelho e lhe digam quem é. Ouve o som do riacho, sabe de que lado ele está mas quem dita o caminho é a mata. É a mata quem lhe permite ou não passagem. O preço da caminhada lhe dói nos pés. Ela segue.

Mas a mata não a leva diretamente às águas. Muda o rumo e, depois de uma leve subida, traz o passado de volta. Um carro, o acidente. Então ele não mentiu. O negro, o marido. O acidente do carro aconteceu. Ela tenta correr até o automóvel, tenta achar ali dentro a explicação de tudo. Talvez sua memória esteja ali. Talvez sua história. A verdade. Sente medo e dor. Não pode correr muito. Anda a passos acelerados. Não obedece mais à pureza, cria sua própria trilha.

Finalmente chega. É um carro novo, a frente está toda amassada. Olha para os lados e tenta imaginar o trajeto do carro. Vê o estrago feito no mato, nas árvores. Deve haver uma estrada perto dali. Por que o negro não pediu socorro? Por que não foi até a estrada pedir ajuda?

O porta-malas está aberto. Dentro dele uma mala, também aberta, foi mexida. O lençol. Várias roupas de mulher ainda estão lá. Uma outra mala está vazia. Ela dá a volta. O estofamento está coberto de sangue. Sangue dela? Não lembra de ter visto um arranhão sequer no crioulo. No banco de trás está uma bolsa. Vazia. No chão ela encontra um batom, um pente, uma carteira de documentos, também vazia. Acha também um convite: "Reveillon ao Luar. Sexta-feira, 31 de dezembro. No Hotel-fazenda Sítio da Natureza." A festa de fim de ano. O acidente. Ela abre o porta-luvas e encontra o que não sabia que procurava: um revólver. Pega a arma. O negro não a pegou an-

tes, por quê?

Mais uma descoberta, estendida do outro lado do carro: um homem morto. Está nu e tem o rosto desfigurado. Ela sente náuseas. O morto é moreno, o corpo forte. Não tão moreno e nem tão forte quanto o marido. Ou este é o marido? Ela não sabe mais de nada. Sente medo mais uma vez. Não sabe em quem confiar. E se o negro for seu marido? E se o marido for o morto?

Precisa fugir, achar a estrada, desaparecer. E o negro? O sangue entre as pernas? Se fosse currada pelo marido não teria sangrado. Ou teria? Provavelmente não. Então, por que aquela mancha úmida entre as pernas? Canalha, o defunto e o outro. Canalhas. Um dos dois é o marido mas... Talvez não haja marido algum. Nem o negro e nem o morto. Marido algum. Talvez ela esteja morta. Ela, Irene.

Cria coragem e se olha no espelho do carro. Não sente mais medo do que possa ver. E vê. Como é bonita! Os olhos grandes, castanhos. A pele branca, manchada de sangue. O nariz quebrado não importa mais. A carteira de documentos está vazia. A memória está morta. O marido está morto. Irene está morta. Sempre esteve.

***

Vai até o riacho e se lava de todas as manchas. Todas. No porta-malas, pega uma roupa limpa, a mais bonita, e a veste sobre a pele clara. Penteia o cabelo ainda levemente grosso de sangue. Corre o batom pelos lábios. Se olha mais uma vez. O rosto branco, agora limpo, parece novo. Lindo!

Ela sorri. Irene sorri. Não sente mais dor nem medo. Joga a bolsa, a carteira, as malas, as outras roupas e o revólver em um buraco do caminho. O carro, a casa de barro, o cadáver e o negro ficam para trás. Ela segue seu destino. Segue a trilha que a natureza lhe abriu. Para uma nova vida. Para a sua própria ressurreição.

2º Lugar

Pseudônimo: GABRIEL CHAVES

O SONHO DAS TARTARUGAS AZUIS

Edson Rodrigues de Morais Filho
Faculdade de letras

Tal qual um viajante que, ao aproximar-se de seu destino, já começou a acalentar as malas no banco ao lado, ansioso por levantar-se e ter a certeza da chegada, eu fico aqui me questionando, tentando imaginar o que mais pode-me acontecer de significativo, além é claro de ser descoberto pelas autoridades competentes. Imagino-os entrando pela porta, rápida e devastadoramente, com a lista de todos os meus crimes, me levando sabe Deus para onde.

Não. A palavra ecoa na sala vazia. À noite deito de costas para o mundo e deixo as palavras sibilarem, escorrerem, soarem como pequenos sinos. A linguagem não importa, o som é meta principal - reinvento o esperanto. Na insônia questiono os meus motivos e as minhas culpas enquanto me divirto com as palavras e as lembranças de outras vidas, tantas, tão distantes e ao mesmo tempo tão vivas e palpáveis quanto o corpo de seda branca e macia da filha dos meus atuais vizinhos, uma menina de belíssimos olhos azuis e impúberes que adora me visitar, eu, velho bobo e pedófilo, ora essa é muito boa, e o tempo encontra novas e melhores maneiras constrangedoras de passar.

Toda a minha vida se orientou por três frases - os fins justificam os meios, nada é tão ruim que não possa piorar e dias melhores virão. Três pilares para uma vida longa sem problemas cardíacos.

Como, me pergunto, como foi que tornei-me este animal de rapina, sem nenhum outro objetivo que não o de sobreviver? Vivo num permanente solstício de inverno, noites longas e febris, dias azuis, e insossos. Nada me surpreende. Assim, não estranho mais as car-

tas que brotam nos degraus dos prédios - árvores dão cartas, nada mais simples. Os vizinhos (e isso inclui o anjo de olhos azuis) são criaturas ensolaradas, saudáveis criaturas de Deus, crentes e antropófagos. Os que não acreditam na palavra do senhor, como eu, são magros e assustadiços - só assim não correm risco de vida. Já os crentes, estes são rosados, ricos, bem aventurados.

As cartas continuam a brotar nas escadas - contas, ninguém me escreve mais nada, só recebo contas e mais contas. Há que saber escolher o prédio em que se vive. Este só dá cartas com complexos malabarismos monetários querendo provar que você deve sua alma ao mundo.

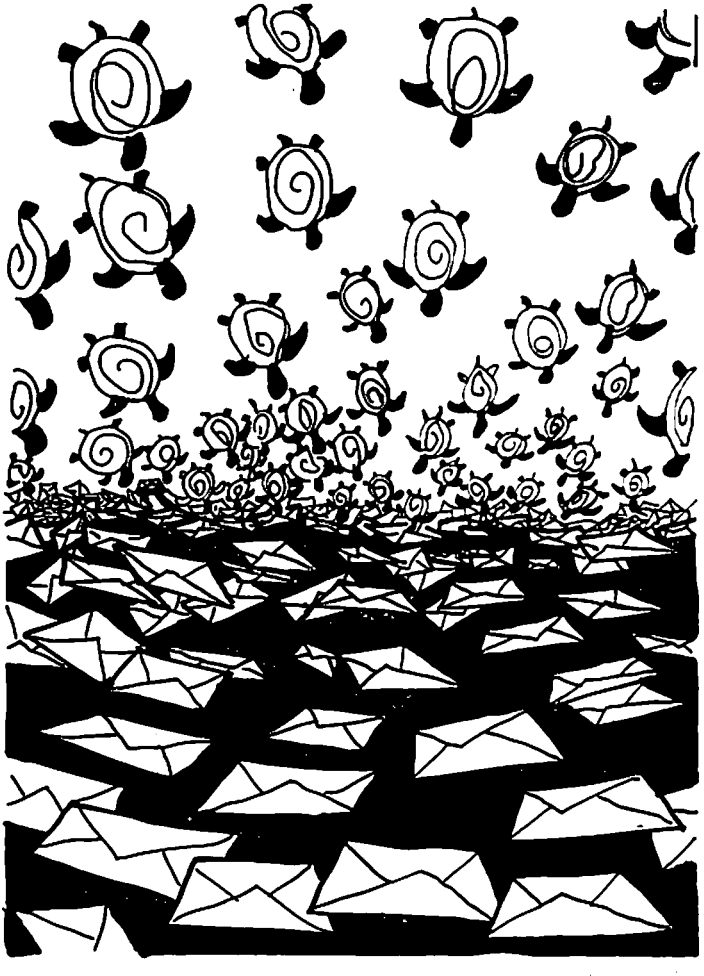
Acho que há um governo lá fora, não sei seu nome, nunca vi seu rosto, nem quero. Tanques passeiam paquidérmicos pelas ruas estreitas vigiando os guardadores de carros. Certas regiões estão em estado de calamidade pública há anos. Os guardadores de carros insistem em não deixar seus donos sequer se aproximar dos veículos. Guardarão os veículo æternum. Isso sim é motivo para guerra civil.

A zona norte de Belo Horizonte está infestada de crentes antropófagos. A lagoa da Pampulha secou. Às vezes vou ver o Daniel tocar seu trombone naquela imensa depressão lunar que se formou no lugar da lagoa, enquanto como sanduíches de pão com geléia e batuco nesta máquina escrevendo aqueles artigos sobre cinema, de filmes que jamais irei assistir. Outras vezes levo também o único crente vegetariano da cidade, o Eider, que, pária entre os crentes, pinta paisagens do reino de Deus sobre cascos de tartarugas que ele mesmo cria em casa.

Daniel ditongos decrescentes de dor de dente. Belíssimas flores azuis brotam nas sacadas do meu prédio. Amanhã, sem falta, devo levar meu barbeiro ao proctologista. Nada pior que um velho barbeiro com hemorróidas.

Palavras. Tenho muitas delas. Devo gastá-las com o máximo de cuidado, pois elas andam em falta nos dias de hoje. Os jornais saem impressos com fotos e símbolos, pouquíssimas palavras, as notícias são ideográficas, ninguém sabe ler. Muitas folhas vazias. Acabam servindo de cobertor para os pobres de espírito. Diz o Eider que isso é um castigo de Deus. Uma nova Babel, ninguém se importa em entender o mundo alheio, cada um tem o seu mundo.

Enquanto Eider pinta suas tartarugas de azul, Daniel toca furiosamente seu trombone e eu troco frases comigo mesmo. Ocasio-



Gisele de Moura Siqueira

nalmente conseguimos manter um diálogo nesta imensa paisagem desértica que era a lagoa da Pampulha. Eider insiste em tentar me converter, eu seria, segundo ele, uma excelente alma se não fosse ateu. Seria inclusive uma excelente pessoa se não fosse à-toa. Olho enviesado para ele que atrás da longa barba bicolor exibe um sorriso quase santificado. Acho que ele não é vegetariano coisa nenhuma, deve fazer sopa de tartaruga todos os dias.

Tento me imaginar como ele, acreditando, mas não consigo. Pedro certamente faria algum comentário irônico a respeito. É pena, já faz cinco anos que não o vejo. Me atiçou várias vezes - vamos embora, não temos mais futuro aqui - e eu, covardemente, me recusei a abandonar o barco. Aprendeu inglês, francês e alemão e foi-se para o Primeiro Mundo - o único, na minha opinião. Lembro-me, na época em que ainda lia alguma coisa que não fosse escrita por mim mesmo, de suas cartas maravilhadas e convidativas, dos recortes de jornal onde ele aparecia nos cantos das fotos, meio que por acaso, com aquela cara de testemunha ocular, de transeunte inocente e alheio aos acontecimentos, sempre nas margens da história, como nos atentados à bomba em Belfast, sei lá quantos mortos, uma foto pavorosa com mortos e feridos, bombeiros, fogo, confusão tremenda - e, lá no canto, o Pedro com as mãos no bolso, um livro debaixo do braço (filhodaputa, então foi você que levou meu livro autografado do Henry Miller!) e aquele olhar de quem está só de passagem, como ele mesmo sempre gostava de se declarar, uma criatura meio cigana e sempre em trânsito. Filhodaputa, jamais te perdoarei, aquele livro...

Acho que o mundo em que vivo, tão diferente daquele em que o resto da humanidade vive, o que de melhor posso fazer é não atrapalhar ninguém. Já provei carne humana e não gostei, jamais serei um crente. Vegetariano, então, nem pensar.

Eider mora no primeiro andar, ocupa todos os apartamentos, permanentemente inundados desde tempos imemoriais, altamente insalubres. Cria rãs, tartarugas enormes, uma variedade de vitórias-régias amazônicas, moluscos, orquídeas e carnívoras e um papagaio que era do Pedro, caduco, coitado. Nunca tive coragem de transitar por mais do que dois ou três quartos, e não consigo imaginar como alguém consegue viver em ambiente tão estranho, com a água pelo joelhos todo o tempo. Uma água escura, que não faço a mínima idéia de onde vem. Seus domínios me parecem maiores do que um

pobre mortal como eu possa imaginar.

Daniel tem certa consideração por ele, mas apenas por minha causa. Daniel, além de ateu, odeia crentes. Acha que eles começam comendo seu cérebro - enquanto você está vivo - com sua fala febril, ininterrupta, tão segura de si quanto um político em campanha, com o objetivo único de te transformar num zumbi para depois te engordar e zapt! - passar a faca. Concordo em grande parte com o que ele diz, mas sinto uma vontade quase infantil de ajudar no Eider, algo pueril, simples, como eu já fui e gostaria de ter sido. Mas, como dizem, de boas intenções o inferno está cheio.

Se pareço apocalíptico, não é minha culpa, pois há quem diga que o mundo acabou e que não somos nada, um reflexo num espelho quebrado, uma lembrança confusa de um sonho ruim, um esquecimento de Deus no juízo final.

Não sei o que restou do mundo que conheci quando jovem e dificilmente saberei, pois logo após a Serra do Curral, onde Nova Lima deveria estar, surgiu um mar, e há quem diga que é o oceano Atlântico, enorme e devorador de almas, e, se há algo para além-mar, só as tartarugas que chegam aos milhares na praia da encosta devem saber.

3º Lugar

Pseudônimo: ALOIS QUESNAY

DOMINGO

Alexandre Magno Alves
FAFICH - Ciências Sociais

Meu corpo está abandonado no chão do apartamento, subjugado pelo calor e pelo tédio de não ter o que fazer. Fecho os olhos para tentar dormir um pouco, mas sinto apenas o suor aumentar, minhas costas estão coladas ao chão, completamente molhadas. Uma gota de suor escorre de minha têmpora e vai se alojar subitamente em minha orelha. Lá fora são três da tarde, na verdade são duas, pois estamos no horário de verão. Uma mosca insiste em andar sobre minha barriga, suas patinhas incomodam ainda mais. Com um gesto vago abano-a para longe, no entanto, ela é persistente. Passeia, limpa suas asas com as patas. Sei que ela vai morrer em breve e desisto de incomodá-la. Não quero que ela vá para a outra vida com uma má impressão de mim. Finalmente levanta vôo e desaparece. Me pergunto inutilmente para onde terá ido a mosca.

Levanto o pulso esquerdo, meu relógio não está nele, me lembro de tê-lo colocado sobre a cômoda. Não irei levantar para apanhá-lo. Sei que o tempo está passando. Isto já me basta, posso sentir em meus ossos. Os carros passam fazendo um barulho assustador, alguns cachorros latem desesperados. Talvez, felizmente, eu não seja o único incomodado. Alguém ralhará com ele daqui a pouco, o que de fato acontece, passados alguns instantes. Escuto uma voz esganiçada. Fico tentando imaginar a forma do corpo pela qual sai a voz: uma gorda com um lenço de cor esquisita e um vestido florido que não combina com nada, avental e chinelo, provavelmente seu marido está sentado na sala, sem camisa, empilhando latinhas de cerveja, enquanto assiste a algum jogo de futebol pela televisão. Ele não pensa. Sua capacidade de fazê-lo acabou há muito tempo, junto com o aumento da gordura de sua mulher e o crescimento dos filhos. Escuta a

voz de sua esposa e lembra como ela era bonita quando se conheceram, mas a imagem logo desaparece, ofuscada por um gol que acabava de sair. O centro-avante dribla três zagueiros do time adversário e chuta cruzado, a bola ainda bate na trave antes de entrar.

Mas talvez seja uma velha muito magra, um saco de ossos, toda enrugada como uma uva passa. O vestido florido permanece, tiro o lenço de cor esquisita e o avental, talvez use um sapato baixo ao invés de um chinelo. Seu marido lê o jornal do dia na varanda. De vez em quando alguém lhe cumprimenta. Preguiçosamente retira os olhos do jornal e devolve o cumprimento. Está indignado com a política no país, segunda-feira irá receber sua aposentadoria. Ajeita os óculos no rosto e volta ao jornal. Solta um suspiro e tosse. O filho mais novo do vizinho chora. "Hoje eu não acabo de ler este jornal!", pensa.

Meu corpo se recusa a levantar para olhar pela janela, não vou brigar com ele por causa disto.

O telefone toca uma vez, não faço menção de atendê-lo apesar de querê-lo; mais uma vez faço um esforço e estico o braço direito e pego o fone, levo ao ouvido. "Alô!", ouço o clique e o sinal do fim da ligação. Fico com o fone no ouvido pensando por que alguém faria isto: ligar para outra pessoa e quando esta atender, desligar. Isto acontece aqui todos os dias. Estou cançado. Uma gota de suor escorre de minha axila enquanto ponho o fone no gancho novamente.

No apartamento de cima alguém deixa cair um objeto no chão. Uma brisa entra tímida pelo quarto onde estou, um arrepio de calor percorre meu corpo. Mexo com os dedos dos pés. Olho para o teto e fico sorrindo por algum tempo como um débil mental. Também não procuro pensar em nada, aliás, minha cabeça está oca. Agora tenho a impressão que sempre foi. A mosca volta e pousa em meus lábios, assopro e ela desaparece de novo. Viro meu rosto para a esquerda, fixo cada sujeira no chão, o quarto está precisando de uma limpeza. As paredes estão manchadas também. "O que a faxineira faz aqui duas vezes por semana que não vê isto?" Mas o calor impede que minha cólera vá além disto. Desisto.

Hoje é domingo e todas as coisas estão mortas. Tudo morre num dia como este, simplesmente a vida se esvai, escorre feito enxurrada em direção ao esgoto. O relógio da igreja bate quatro horas. Ainda teremos mais três horas de luz, ou seja, mais três horas de calor, ou então, vou ficar mais três horas suando. Tudo bem. Domingo é assim mesmo, um dia para se esquecer que está vivo.

Só lembrar de viver na segunda-feira de manhã. Mas tem gente que leva isto muito a sério: morre no domingo e nunca mas se levanta numa segunda.

Algumas pessoas passam gritando o nome de um time de futebol. Provavelmente o marido da senhora gorda de lenço na cabeça esteja feliz, seu time não vencia uma partida há duas rodadas. Sente vontade de sair e se juntar ao coro dos torcedores, mas sua mulher chega, senta ao seu lado, mais ou menos como se não o visse, troca o canal. Na tela, um apresentador de aspecto irritante berrava bobagens com sua voz ainda mais irritante num programa de auditório. Ela sorri e ele também.

Irritado, o senhor tira os olhos do jornal: "Vandálos!", pensa. Sua esposa (a uva passa), caminha claudicante por entre os canteiros de flores no quintal da casa, de tempos em tempos, de acordo com que sua visão já cansada consegue ver, apanha uma erva daninha e a atira em outro canteiro. Às vezes ela se pergunta por que elas nunca acabavam. Faz isto pelo menos um vez por dia. Seu cachorro late, ela o olha, ele se cala. Entra em sua casinha e se deita, olha de um lado para o outro e dorme. Suas orelhas feridas abanam as moscas enquanto tenta dormir. Sua respiração é rápida. O calor não é só um problema meu.

Volto a observar o teto, sobre minha cama há uma mancha tal qual uma auréola, pois fica exatamente sobre a cabeceira. O relógio bate cinco horas. O dia está acabando. Apesar de não gostar de domingos fico um pouco triste: tenho que trabalhar amanhã, fazer algo que não gosto.

O barulho do telefone me prega uma peça. Fiquei sobressaltado com seu som estridente. Toca uma vez. Novamente penso em não atendê-lo: "Pode ser o idiota que liga e depois desliga na sua cara.". Toca novamente. Atendo esperando que desligue; do outro lado uma voz, demoro a reconhecer. O estado de torpor causado pelo calor me deixou meio zonzo. Instintivamente me levanto, minha cabeça roda, fico um pouco tonto, respondo ao segundo "Alô!". Recosto em uma poltrona num canto qualquer do quarto. Agora posso enxergar lá fora. De certo modo, as coisas ficaram sem graça, afinal, estava vendo como as coisas são, não podia imaginar como seriam. Por exemplo, não era nem uma senhora gorda nem uma velha enrugada muito magra, mas uma garota de aproximadamente quinze anos que havia ralhado com o cachorro. Não havia canteiro de flores nem um senhor lendo jornal na varanda, somente uma casa velha

com as paredes encardidas pelo tempo, um cachorro sujo amarrado a um cano de PVC que descia do teto e desaparecia no chão. Ou será vice-versa?. Menos mal, também não existia a gorda e seu marido sem camisa empilhando latinhas de cerveja. Não pelo jeito de serem, mas pela falta de amor que existia entre ambos.

Respondo à voz com monossílabos, não quer dizer que não queira conversar, o problema é que estava há bastante tempo sem falar com qualquer um, não conseguia articular minha fala além de alguns "é", "hum-hum", etc. A bem da verdade, a outra pessoa me interessava bastante.

Um rato passeava sossegadamente em um terreno baldio, enquanto isto podia ver a cozinha do restaurante do lado, de vez em quando o rato desaparecia por entre os entulhos, precisamente pelo lado do restaurante, voltando logo em seguida com algo na boca. Disse a mim mesmo para pensar duas vezes antes de almoçar ali amanhã. A facilidade com que caminhava pelo seu território me impressionava. Seria apenas um ou uma família?

Com o passar do tempo a conversa foi me chateando. Uma mulher toma sol de biquíni na laje de sua casa, sua irmã mais nova estende algumas roupas no varal, quase todas são calcinhas. Daqui parecem conversar. A mais velha ri de algo que a outra lhe conta. Abro um sorriso também. O rato dá outra volta pelo terreno e o movimento na cozinha do restaurante aumenta. Alguém deixa cair um prato que se transforma em milhões de pedaços. O chão fica salpicado de pontos brancos. Um gordo seboso recrimina um rapaz, um franzino, de cabeça oval e nariz fino. Abaixa a cabeça, apanha uma vassoura e começa a varrer o chão.

O rapaz gostaria de estar em outro lugar. Fugir. Mas sua mulher, uma moça de dezessete anos, está no último mês de gravidez. Na verdade ele a ama muito, não gostaria de abandoná-la com o filho ainda novo para criar. Seus olhos ficam marejados de lágrimas, respira fundo, continua a varrer. Se ao menos seu pai não o tivesse expulsado de casa... Sentiu ganas de enfiar uma faca na barriga do gordo seboso quando ele o tratava como um animal. Porém, sua raiva já havia passado. Poderia até sorrir para o gordo sem sentir nenhum rancor. Por ser assim não tinha amigos nem inimigos, a não ser ele mesmo e sua jovem esposa. A única mulher que tivera até então. Ele também foi o primeiro de sua vida. Se conheceram numa festa de Santo Antônio em sua cidade natal no interior. "Aqui", ele dizia, "nós vamos ganhar muito dinheiro e eles vão ter que nos aceitar de novo."

A juventude de sua mulher fazia com que acreditasse naquelas palavras.

Batem seis horas, a cruz do alto da igreja, eu não havia notado, era cor-de-rosa como um vestido de debutante. Começou a tocar uma "Ave-Maria" que parecia uma caixinha de música amplificada. Algumas senhoras subiam a rua para a missa. Finalmente a voz me deixa. Não sei... acho que havia um tom de decepção na voz. Pro inferno!

Sentado, observo o sol se pôr, algumas luzes vão aparecendo devagar. Um carro do Corpo de Bombeiros passa a toda velocidade, logo atrás um ambulância. Minutos mais tarde a ambulância volta carregada com os corpos de dois irmãos que morreram afogados. Passaram o dia inteiro comemorando o aniversário de um deles. Decidiram nadar em uma lagoa bem próxima de onde moravam. O que estava aniversariando começou a afogar, o outro, tentando salvá-lo, afogou-se também. A mãe, uma senhora diabética, está internada em um hospital com problemas no coração.

O telefone toca. Era o idiota novamente, desligou após eu atender. Me levanto, vou ao banheiro tomar banho, faço a barba e acabo me cortando. O banho não refresca em nada, começo a suar novamente. Tento ler algo. O grupo de torcedores passa gritando e buzinando. Por um instante tenho vontade de estar junto deles, mas desisto logo em seguida.

O tempo passa, o sono vem e me leva para cama. É o fim de mais um domingo.

Na segunda sou despedido. Fico sabendo que o carro dos torcedores capotou e morreram todos os ocupantes, o rapaz franzino, após uma discussão brava com o gordo seboso, esfaqueou o cara treze vezes, na fuga foi atropelado por um ônibus que vinha em alta velocidade, dirigido por um motorista embriagado (segundo testemunhas). O cachorro morreu na terça de velhice. A mãe dos dois afogados passa bem e já está em casa...

A última vez que a mosca foi vista foi na madrugada de segunda-feira em uma poça de sangue do rapaz franzino. Afogou-se.

FIM?

CONCURSO
DE
CONTOS

TRABALHOS ESCOLHIDOS
MENÇÃO HONROSA

A ÚLTIMA HORA DE MÁRIO

Pseudônimo: TÓTO PARADISO

Fabrício Marques de Oliveira
FACULDADE DE LETRAS

"Na neblina vaga de velhos sons um fraco ponto de luz aparece: a fala da alma vai logo ser ouvida. Juventude tem fim. O fim está aqui. Não vai ser nunca. Você sabe disso muito bem. E daí? Escreva, desgraçado, escreva sobre isso! Pra que mais você serve?"

James Joyce, na trad. de P. Leminski

Na sensação de estar polindo as minhas unhas, todo me incluo em Mim. Olho as unhas, as mãos. Tristes mãos longas e lindas... Estou em Paris, tenho saúde e dinheiro, posso fazer o que quiser. Não tenho preocupações. Em resumo: sofro muito. Tristes mãos longas e lindas... Hoje vou viver meu último dia feliz.

Vinte e seis anos e nada possuo. Nem mesmo posso dizer, como todos: '*Tenho vinte e seis anos*'. Coisa alguma me pertence e de mim mesmo me disperso, sem saber fixar-me. Separado de mim meu coração aleijado de palavras trepida na cadência de todas as dúvidas. O que eu sou não me conhece. É só de mim que ando delirante.

Eu fui alguém que se enganou e achou mais belo ter errado. Sobremaneira é preciso ter um mínimo de sangue frio pra se errar com tamanha perfeição.

Mil anos me separam de amanhã, entre mim e daqui a pouco,

uma eternidade. Olho em volta de mim: os cinco sentidos a postos, e quantos mais houver. Deliro todas as cores, vivo em roxo e morro em som. Eu sinto muito. E tenho consciência do excesso do que sinto, compreende?

Há uma parte em mim que já foi Deus e que só chora - a parte mais triste. Que seja sobre *nós* a sua melancolia. É tudo. Não lhe posso escrever. Trepida, coração, trepida.

Giro em torno de mim mesmo, num rodopio sem fim. Outrora é que talvez me encontre. Mas não estou bem certo disso, nem de coisa alguma. No Ar as coisas se dissolvem, coisas que não foram. Dói tudo que não foi: horas-platina, luar-ânsia, olor-brocado...

Mínima luz escura se projeta no que sou. Na verdade, meia-luz quase-ser.

Não mais as cartas escritas no café Riche, não mais longos passeios. Fernando, onde estás que não me respondes? Mínima luz escura.

Batam em latas, rompam aos berros e aos pinotes. Façam estalar no ar chicotes, chamem palhaços e acrobatas. Ressoem coturnos e bigornas. Não me digam mais nada.

Smoking e stricnina. Ajeito o smoking. Bebo cinco doses do veneno, calmante. Ficou gasto dizer qualquer palavra. Puídas as emoções, o coração trasteja. Minha solidão a solidão de quem se sabe nem Eu-mesmo nem aquele outro, mas qualquer coisa de intermédio.

Agora vejo o movimento das luzes. Quero alcançá-lo, ir adiante... mas os ossos se quebram sem ao menos avisar-me da ruína. Ao triunfo maior, avante, pois!

Dentro e fora deste quarto de hotel a vida é inútil. Que outros cantem essa vida. Ao longe o triste som de um violino de cego estropiando uma ária. Na morte me compreendo, como uma estrela compreende outra estrela.

Eu sou daqueles que vão até o fim.

ALONGANDO O DIA

Pseudônimo: FRITZ NELLYTITO

Marcos Áureo Luiz
FAC. DE LETRAS

E é assim que a gente fica em tarde de tanajura. É um não acabar que se encerra nunca, nunquinha e tudo fica doce. Docinho como o anil do céu chamando a abelha mãe pra fazer nova colméia a tempo e hora.

Aí que eu sequei. Que esturriquei num fechar do olho e tremedura de perna. Um estupor de estarrafazer-se em dois e três e mais e mais.

Fiquei ali quietinho. Quentinho no bem bom de mesmar sem dar tento de gente ou bicho, que já não diferia de dar nas vistas. Se menino, se bicho, sei lá eu, que não posso parar para respirar que a tarde finda e eu perco o sol de vez - não adianta teimar, que hoje alongo o dia a mais não poder.

Sei que parece esquisito mas é verdade verdadeira , dessas que a gente teme de contar de contar que é pro povo não ficar comentando, incomodando a gente com conversas e histórias de desinteresse - posso alongar o dia. Mas só nos dias que posso.

Sei que é dia quando o sol vai amorenando e me dá aquela saudade de nada, infinda e bonita. Água vem pros olhos e quedo na cadeira de balanço sonhando tempo passado e o tempo não passa e tudo fica bonito. A passarinhada fica assanhada e vejo que é tarde de revoada de formiga e de menino comer farofa. É bem nessa hora incerta que vem a vontade do pôr-do-sol glorioso, esticado e alongado, chamando olho de distraído e apaixonado, de gente e bicho, coisa coisa. O sol, o sol o sol dá de falar a toda gente, toda cria e toda planta. Tudo cala e o sol reina.

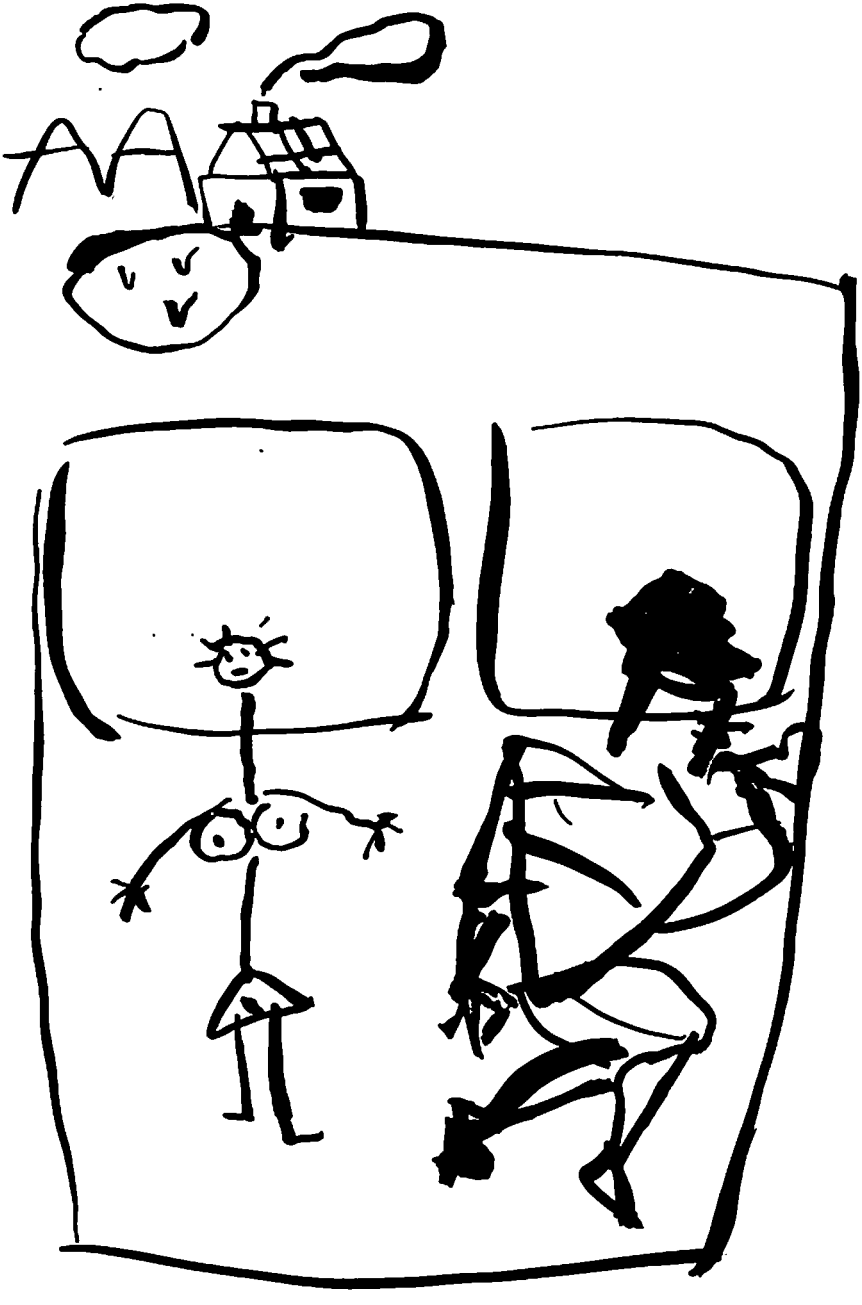
Só eu que sei e guardo segredo de ter feito a vontade que todo

mundo tinha de botar o sol na cama cantando de ninar. Baixinho, espichadinho e o mundo todo dourado e prateando de feliz. Felicidade curta, pequena e boa que eu seguro e calo. Porque sei que faço, não sei quando ou como. Mas todo mundo acha bom e bonito e fica feliz e eu também ficarei, depois, quando voltar a respirar. Porque tem disso: alongo o dia e fico sem respirar, num sei quanto agüento, mas é bom "eh Pagu eh, que é bom de fazer doer". E o povo fica emocionado e as meninas moças mais chorosas trazem lenço de cheiro debaixo dos olhos e os cabras mais brabos arrumam fungação de gripe e todo mundo faz que acredita. E vem algum que quer me acordar pra ver o que sei que tô vendo de olho fechado e respiração sumida, sem tento de som e movimento que a concentração é tanta e muita e basta de todo eu.

Vem um nem sei quê menino, mulher, filho ou neto, querer me querendo em casa, da janela vendo o doirado, dourado, no douramento de findar o dia, que se arrasta mas não finda e a noite atrasa e tudo pára. Todos param à hora mágica. O sol morre-não-morre, lutando, danado de bonito vermelhando, ruborescendo e rubicundo, num querer ir sem poder sair. E eu teimando, esticando o tempo e o dia junto, não acabando nunca, nem respirando nunca e o sol no nunca acabar entristecendo a tarde, langorescendo mundo, esplendorando brasa. Portentoso.

Fiquei com dó mas teimei, insisti mesmo não querendo mais, querendo deixar ele ir-se embora em paz. Mesmo vendo os passarim todo, toda espécie aturdida, atabalhoada na noite que num chega de tão tarde e sol se queimando ardendo de pegar nos olhos, os raios me pedindo clemência e descanso. Penei dele coitadinho, que o galo véio acordou cedinho. Pertei mais os olhos e vi, nunca vi tanta tristura e desesperança junta. Lindo. Lindinho. Lindão.

Num güentei, esmoreci. Ele se foi. Carpendiei. Anoiteci.



Geraldo Breno Rodrigues Amaral

ILAÇÕES SOBRE A PERSPICÁCIA

Pseudônimo: A. RODRIGUES

Celi Márcio Santos
FACULDADE DE LETRAS

Tenho alguns dons, é certo. Mas não sei falar sobre perspicácia. E bem menos desenhar casa na montanha com chaminé e laguinho. A palavra me causa rubor ao pronunciá-la. Três consoantes juntas (rsp) me requerem um esforço pouco menor que fingir um orgasmo. Valha-me, mas desde os quinze me acho a mesma no espelho. E se não sou, o problema é do espelho. Ao invés de falar sobre perspicácia, eu a uso nas minhas receitas sem pronunciá-la. Ninguém resiste aos meus quitutes. Dany não provou minhas receitas ainda. Ele habita um mundo onde só eu posso andar. Namorá-lo às escondidas enquanto meu marido ronca em coma alcoólico. É quando não tenho culpa.

Anita, numa noite do mês de agosto de 1994.

RL

revista literária

CONCURSO DE POEMAS

1º Lugar

Pseudônimo: Lumière

LEITMOTIV

Anísio Viana da Silva
FACULDADE DE LETRAS

A SEDA DO LUAR NA VEIA
O SEDATIVO

ONDE POUSEI MEU DESEJO
TUA MÃO VARREU O PISO

(DEIXO NO AR)
COMO QUE POR ALÍVIO

O PERFUME DESSE FILME
NÃO CESSA DE PASSAR

LENTO

NA TELA DA MÚSICA
...MEU LEITMOTIV

FALO: - É FEMININO CANTAR.

ORIGAMI

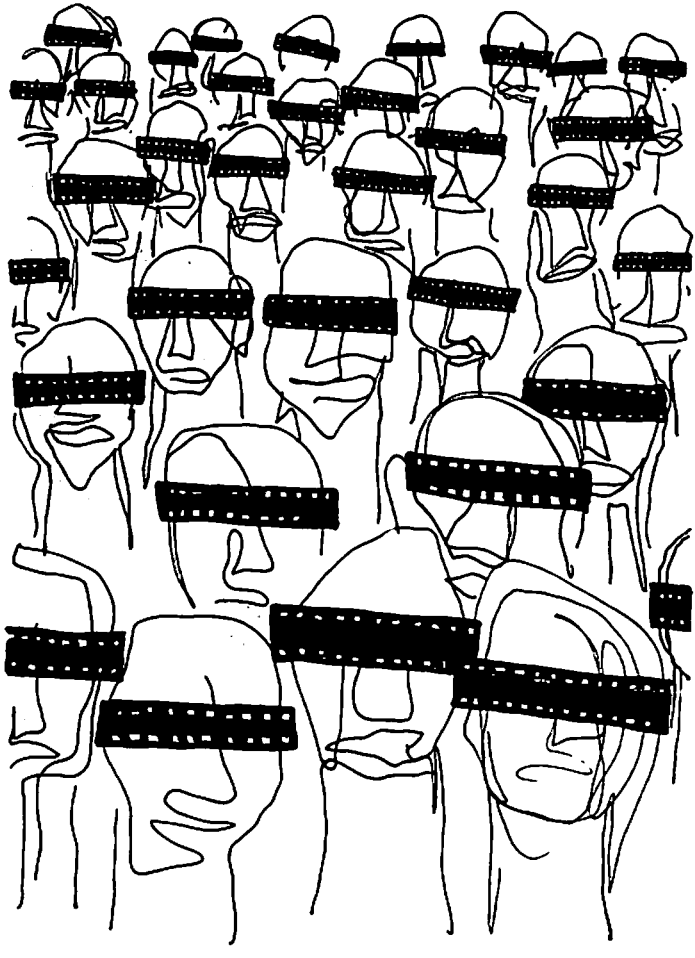
Anísio Viana da Silva

FISGAR-TE COM ARTE
ALMÍSCAR CHEIRA FORTE
TOCAR-TE ATABAQUE
O BEQUE TEME O ATACANTE

FISGAR-TE COM ARTE
ALMÍSCAR CHEIRA FORTE
BATIDA DE ABACATE
TUA ORELHA UM ORIGAMI

FISGAR-TE COM ARTE
ALMÍSCAR CHEIRA FORTE
AMOR TATIBITATE
TATEI O TATAMI

FISGAR-TE COM ARTE
ALMÍSCAR CHEIRA FORTE
MEU CARÁTER ARTE KARATÊ NÃO VENCE
O AR
ANJO
DOS OLHOS



Gisele de Moura Siqueira

AVISO NA ENTRADA DO CINEMA

Anísio Viana da Silva

NÃO NOS RESPONSABILIZAMOS POR OBJETOS PERDIDOS NA SALA
NÃO NOS RESPONSABILIZAMOS POR PERDIDOS NA SALA
NÃO NOS RESPONSABILIZAMOS PELO ESCURO DA SALA
NÃO NOS RESPONSABILIZAMOS PELA SALA

NÃO NOS RESPONSABILIZAMOS PELA PRÁTICA DE ATIVIDADES ESCUSAS NO ESCURO DA SALA
NÃO NOS RESPONSABILIZAMOS PELA VENDA DE OBJETOS ESTRANHOS NA SALA
NÃO NOS RESPONSABILIZAMOS POR VENDIDOS NA SALA
NÃO NOS RESPONSABILIZAMOS PELO SEXO NA SALA

NÃO NOS RESPONSABILIZAMOS POR ESTRANHOS NÃO IDENTIFICADOS NO ESCURO DA SALA
NÃO NOS RESPONSABILIZAMOS POR OBJETOS DE ESTRANHOS QUE VOAM PELA SALA
NÃO NOS RESPONSABILIZAMOS POR OBJETOS VOADORES NÃO IDENTIFICADOS ESCUSOS E PERDIDOS NA SALA

ESTES ÓVNIS NÃO SÃO DE NOSSA RESPONSABILIDADE

VIDARTE

Anísio Viana da Silva

vida virando filme filme virando vida vida virando filme filme de ação
vida virando vida filme virando filme vida virando vida vida de cão
filme não tem perfume vida não tem costume: minha figura de ficção
vida não tem volume arte não dá futuro arte não paga nem meu pão
vida virando arte arte virando vida arte revirando a arte do ladrão
filme virando vida vida virando arte arte virando crime crime de irmãos
arte é atitude filme é minha nuvem de um viaduto eu sopro o chão
arte é minha nuvem vida não tem volume vida cabe não cabe na mão

Livia Haele Arnaut

ASAS DO DESEJO

Anísio Viana da Silva

seu win wenders, me chama pro seu filme
tenho vinte e poucos anos
sou do fim do milênio
do fim do futebol-arte
dublê de anjo

(esse desejo humano
de fada
enfada e atiça)

seu win wenders, me chama pro seu filme
voar é cena perigosa
meu amor arrisca

2º Lugar

Pseudônimo: BERNHARD ALBRECHT

VINTE E QUATRO QUADROS POR SEGUNDO

Fabrício César da Cruz e Franco
FACULDADE DE DIREITO

Ruínas de um sábado. Todas as alternativas do apartamento já gastas de tanto uso: ... você que não telefona. E eu plantado em esperas. Com uma angústia azedando nos olhos. Com um coração extraviado, tordesilhas do outro lado da cidade. O motor, um pneu, o trânsito? Uma pluralidade de desculpas tripula sua ausência. Por que você não me liga?

Eugênio Paccelli Horta

BOLERO

Fabrício César da Cruz e Franco

Eu sou depois,
quase quando.
Ela é demais,
onde pleno.

Estou ainda,
versículo vinte.
Ela permanece,
século vinte e um.

EXERCÍCIO DA VERTIGEM

Fabrício César da Cruz e Franco

Há tristeza no signo
do crepúsculo —
a emprestar o tema.

O amor sei que é
por um triz,
passadiço e árduo.

Mas com o que
e onde me escusar
do que não é amor,
simplesmente?

Carla da Costa Teixeira

A ESTRUTURA DO DIA

Fabrício César da Cruz e Franco

A tarde ensaia um sol,
enquanto
se despede de um distante
refrão de chuva.
Uma festa
de terra molhada me flui
pelos dedos.
Viajo pelos novos aromas
como ave migratória.

...decifrando as cicatrizes
deixadas pela correnteza.

Roberto de Oliveira Melo

DAS ÁGUAS QUE SABEM DE MARÇOS

Fabrício César da Cruz e Franco

Fui hipnotizado pelas ondas
de um olhar
implacavelmente azul.

E na força das águas,
aportei

onde os olhos sabem suas lágrimas:

enseadas lentas
praias desertas e cais
abandonados
em noites de recuerdos ao luar

súbito

ventou um silêncio de brisa
e sem demora
:águas passadas,

sem ressaca.

3º lugar

Pseudônimo: CÃMIS

Oswaldo Augusto Palhares Teixeira
FAFICH-Comunicação Social

SER SEM PRE
VI SÍ VEL
VI SÍ VEL
SER SEM PRE

UM LANCE DE DARDO JAMAIS ABOLIRÁ O ACASO
(quasemallarmé)

Oswaldo Augusto Palhares Teixeira
FAFICH-Comunicação Social

Ilustração: Bruno Corrêa

Oswaldo Augusto Palhares Teixeira
FAFICH-Comunicação Social

SOL-PÓ ENTE

(A)

PÓ

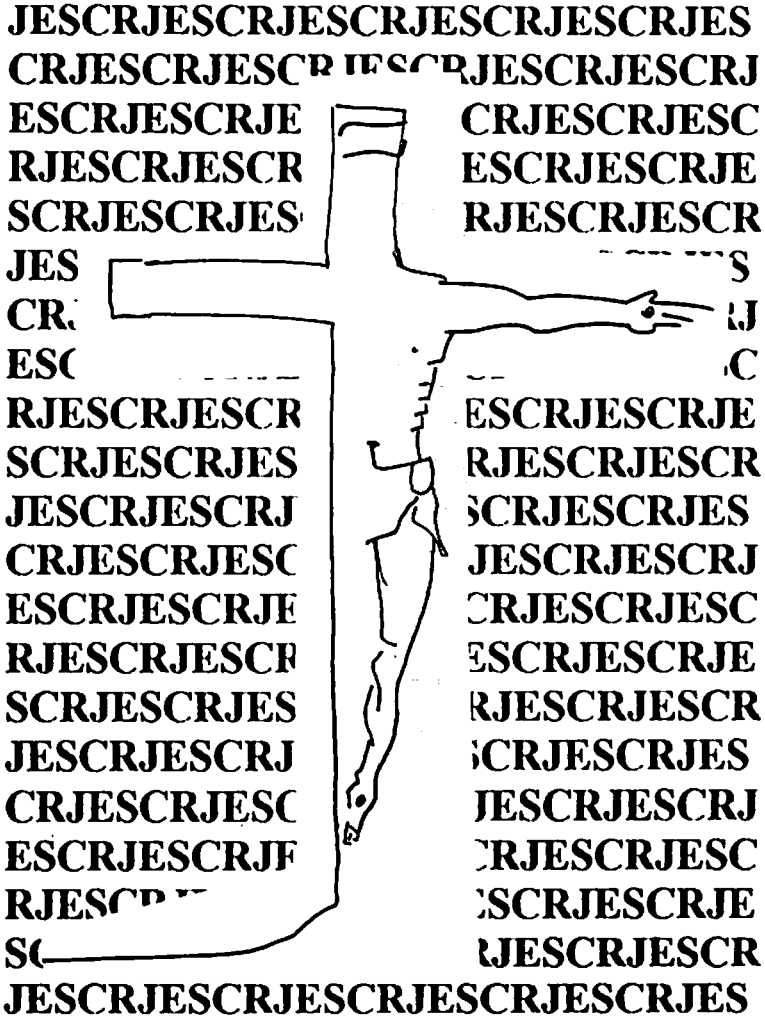
D(R)

ES

CE

US/UZ

Oswaldo Augusto Palhares Teixeira
FAFICH-Comunicação Social


JESCRJESCRJESCRJESCRJESCRJES
CRJESCRJESCRJESCRJESCRJESCRJ
ESCRJESCRJE CRJESCRJESC
RJESCRJESCR ESCRJESCRJE
SCRJESCRJES RJESCRJESCR
JES S
CR J
ESC C
RJESCRJESCR ESCRJESCRJE
SCRJESCRJES RJESCRJESCR
JESCRJESCRJ SCRJESCRJES
CRJESCRJESC JESCRJESCRJ
ESCRJESCRJE CRJESCRJESC
RJESCRJESCR ESCRJESCRJE
SCRJESCRJES RJESCRJESCR
JESCRJESCRJ SCRJESCRJES
CRJESCRJESC JESCRJESCRJ
ESCRJESCRJE CRJESCRJESC
RJESCRJESCR ESCRJESCRJE
SCRJESCRJES RJESCRJESCR
JESCRJESCRJESCRJESCRJESCRJES

O ínfimo omitido

Oswaldo Augusto Palhares Teixeira
FAFICH-Comunicação Social

CONCURSO
DE
POEMAS

TRABALHOS ESCOLHIDOS
MENÇÃO HONROSA

O ENTERRADO VIVO

Pseudônimo: BILLY TALBOT

Fabrício Marques de Oliveira
Fac. Letras (Mestrado em Teoria da Literatura)

"e vivo tranqüilamente todas as horas do fim"
(Torquato Neto)

Morro constantemente,
Morri não faz muito tempo,
morrer me faz muito bem.
Março, abril, setembro,
já nem me lembro
o quanto morri
ultimamente.
Morro naquilo que me sangra,
morri nos idos de 1947,
morrerei na próxima guerra.
Morrer é a todo momento.
Morte: abracadabra.
Sou uma cidade sitiada,
de um lado câncer e miopia,
do outro asma,
acima sífilis,
abaixo aids e leucemia,
segunda tuberculose,
terça catapora,
quarta esquizofrenia,
doenças de todas as cores,
males para todos os dias.
Julho, agosto, maio.
Olho a morte de viés,
olho a morte de soslaio.

Mirian Lourdes Scofield Osório Vieira

Trago no bolso bilhetes de suicida
para todas as ocasiões.
Cortei os pulsos
mas a faca cega,
Pulei no rio
mas o rio raso,
Tentei a corda
mas o nó se desfez,
Abri o gás
e o gás não havia.
Por último um tiro,
mas de festim.

Nisso vieram seus súditos,
e, turvo, o corvo bicou meu fígado,
e o lobo jantou minhas pernas,
e a baleia engoliu meus sentidos,
e, por ser porcelana,
o amor se quebrou.
A morte vem
e sobre mim estende
seu alvíssimo lençol.
-Vim te buscar, vem comigo,
eu que sempre fui tua,
às vezes náusea,
às vezes trigo.

-Volte outra hora,
pois minha filha acaba de nascer,
e com ela uma voz dizendo fica,
chuva sobre a seca,
alarido de saudade,
o mel que a boca fabrica,
sono de seda, dia de festa,
pedra preciosa, rima rica.
Por ora,
senhora morte,
tu és
o resto

ao rés-do-chão.
E o resto insignifica.

"There's a bit magic in everything
and then some loss to even things out"
(Lou Reed)

NUNQUITUDES

Pseudônimo: NEVERNESS

Alexandre Rodrigues da Costa
Faculdade de Letras

I

lábios

(pálpebras onde
brinca o diabo)

II

ave
arremesso
de árvore

III

unha
meia-lua
à tarde

Eugênio Paccelli Horta

IV

chuva
riscos soltos
ao vento

V

espelho
eco dentro
do ego

Livia Haele Arnaut

ANDANTE

Pseudônimo: RED

Alan Castellano Valente
Faculdade de Letras

esse seu disfarce safado não me sai da cabeça,
com flores de madrepérola.
antes de uma guinada radical,
despeço-me,
fecho o livro
e caminho em direção ao bar.

RL

revista literária

SEGUNDA SEÇÃO

POEMAS

STRIP TEASE

Angelo Machado

Parte do número chamado "Os jograis"do 5º
Show Medicina, apresentado em 30/10/1957

(No início do poema a mulher entra no quarto e posta-se diante do sultão. Assentado na cama, com as pernas cruzadas, ele passa a observá-la atentamente.)

Tirou os óculos
Tirou o relógio
Tirou o chapéu
De cada dedo da mão
Tirou riquíssimo anel.
Mas não agradou o sultão!

Tirou o casaco
Tirou a meia
Tirou o vestido
A combinação
Mas não agradou o sultão!

Tirou o porta-seios
Tirou as anáguas
E lascivamente retirou
O resto da roupa que ficou
E o sultão...
Ainda não gostou!

Desesperada
Por se sentir desprezada
Pelo seu grão-vizir
Continuou lentamente a se despir.

Retirou uma mama

Retirou a outra mama
E colocou sobre a cama.
Desparafusou o umbigo, que se abriu
Afrouxando a parte de trás, que caiu.
E o sultão a observar
Dizia sempre sem parar:
-Vulgar, vulgar!

Com habilidade rara
Desmanchou toda a cara
Olhos, ouvidos, nariz, tudo
Foi cuidadosamente colocado
Bem em cima do criado
que era surdo e mudo.
Tirou o sapato e o pé
Arrancou os pêlos e a pele
Ficou pelada
Mas o sultão... nada!

Com cuidado e muito jeito
Retirou do próprio peito
O coração
Que batia, batia
Em sua mão.
E o sultão?
Por um segundo se excitou
Para logo comentar:
-Vulgar, vulgar!

Louca, lasciva, frenética, carnal
Despiu-se de toda a carne
Abriu a articulação e
Espalhou o esqueleto
pela cama e pelo chão.

E o sultão?
Frio, calmo e impassível
ante cena tão incrível
Não cessava de exclamar:
Vulgar, vulgar!

Será que o sultão
já não ama a sua amada?
Que nada!
O sultão era cego: não viu nada!...

MÚLTIPLA ESCOLHA

José Amâncio de Carvalho

RABISQUEI	(A)	( )	OS RISCOS
ESBOCEI	(B)	( )	SEU ROSTO
SOMBREEI	(C)	( )	VOLUMES
TEXTUREI	(D)	( )	SEU JEITO
EMOLDUREI	(E)	( )	SEU CORPO
E APAGUEI	(F)	( )	NOS SONHOS

PORTO SEGURO

Carlos Reis

"...pelos nossos 20 anos..."

Há porto!

Aporto em
Porto seguro.
Procuro Ajuda
na Broadway,
no beco em cores.
Nas praias
sol,
cervejas,
selos,
curvas.
O quadrado
continua trancado em trancoso.

Aporto em
Porto Seguro
e cravo âncoras
em você !

ENCENAÇÃO DAS SOBRAS

José A. R. Frota

Desejos reprimidos e memórias de sonho
viajam a contramão do Destino matéria perdida
num limbo cinzento de possibilidades abandonadas
e da qual algumas sobras escapam vindas
do muito fundo...do muito escuro...
do muito silêncio...do muito nada.

Um sorriso sem cara
uma perna atrasada na obra da esquina
o rabo do gato no buraco do muro
o envelope vazio com selo carimbado
destinatário e remetente
aleluias contornando um poste apagado
a vontade não recolhida
o cavaleiro dobrando o morro
o brinquedo enterrado no quintal
de uma casa de outro dono
numa rua que se não conhece
e a menina que sumiu do abraço
no jogo de cabra-cega
e a maré riscada no passeio
no qual se apagou o céu.

Como pode um simples objeto
nos conter por inteiro? Um gosto?
Um odor? Uma fala? Um silêncio
que grita do lado sombra
uma presença ausente, um rosto
que não retorna - "**Só tu voltastes!**
Verso aí parado sem estrofe
estrofe perdida do poema
poema vagante na memória...

Outono

Tila Amarante Cohen

Ah! Essas manhãs de outono!
O céu azul, o sol brilhante!
Vontade de explodir, desintegrar,
me tornar em terra fria ao sol,
poeira ao vento, ao calor...

Ser a limpidez da água
da mina, à sombra...
a argila fria,
sob o lodo, sob a pedra,
sob a água, sob o calor do sol...
do Sol...
do Sol...
do Sol...

CONTOS

BOLAS E VERSOS

Vera Lúcia Menezes de Oliveira e Paiva

Belo Horizonte, 24 de setembro de 1990.

Bem-aventurados os que reprimem
No homem o poder de ação
Aventurados são todos que usam
A palavra liberdade
Como sinônimo de repressão
Ronald Claver

Caro diretor/poeta,

"A mestra com olhar de mestra" tomou a bola dos meninos. A bol/alegria que os pequenos trocavam pela merenda estava lá, poeta, aliás, estavam lá três bolas, trancadas no armário, tramando contra a instituição chamada escola. Aquelas bolas subversivas vieram perturbar a ordem, poeta. Elas não rolam pelas linhas retas dos trilhos da escola. Elas fazem curva, passam por baixo das carteiras, desviam a atenção dos alunos que precisam aprender a ler e escrever para ler nas linhas retas da história oficial, que precisam aprender a contar coelhos e galinhas pelos pés, quando é tão mais fácil contá-los pelas cabeças! Mas eles precisam aprender a aprender, aprender que não é proibido proibir e assim entrar nos trilhos e serem homens de respeito neste Brasil varonil. Mas a professora disse que só devolvia a bola se o pai fosse lá, e lá foi a mãe, poeta. E a professora, educadamente, recebeu a mãe e explicou, ou melhor, tentou explicar o comportamento da turma. Mas a mãe, poeta, não quis escutar e desagradou a professora. A escola pisou na bola, poeta. A professora tem pressa em fazer com que os pequenos cresçam, mas a mãe,

poeta, ela é anarquista, ela quer o filho analfabeto, porém feliz. A professora se assustou com a heresia e disse que o menino é muito inteligente. Pode ser, mas o controle motor do menino não é tão bom assim não, e ele prefere a bola à terapia. O menino é repetente. A outra professora disse que ele sabia tudo, mas não deixou as provas em branco e a mãe não deixou que ele fizesse a recuperação porque ela não tem pressa. A mãe tem pós-graduação em morte precoce - a pressa de um ônibus levou-lhe o filho de dois anos e ela hoje não tem pressa, poeta. Se o filho não tivesse morrido, estaria hoje em cima de uma cama sem poder jogar bola. E o irmão que veio depois acabou de descobrir a bola, poeta. Mas a escola não gosta da bola e o menino gosta tanto da bola que parou de merendar para poder ficar mais tempo com a bola. Talvez a bola seja incontrolável, como incontroláveis são os poetas que fazem versos com esta via transversa. Tu és tão perigoso quanto a bola, poeta. Platão queria te expulsar da república porque marcavas o adversário e fazias gols com dribles dos teus versos. Durante a repressão, os poetas deram olé na censura e enfraqueceram o autoritarismo. É por isso que ele também gosta dos teus versos, diretor/poeta. Ele descobriu que o diretor também faz versos e como ele chuta a bola. E não adianta tomar-te o papel, farás versos na areia, no pensamento... Não adianta tomar as bolas, as crianças continuarão a chutar latas ou bolas de papel. Poetas e crianças têm uma dose de criatividade que a autoridade da escola não pode nunca controlar. O que fazer com as bolas, poeta? As bolas quebram os vidros e os espelhos, atrapalham as aulas e é tão importante aprender que as palavras são oxítonas, paroxítonas, proparoxítonas, dissílabas, polissílabas, antônimas, sinônimas, e que os conjuntos são vazios, unitários...

Ah! Poeta, dentro do armário tinha um conjunto de três elementos, três maus elementos, três perturbadores da ordem. Estavam lá, poeta, desde quinta-feira. Passaram o fim de semana sem rolar por linhas sinuosas, sem driblar as rotas previamente estabelecidas. Ficaram lá as três torturadas pela escuridão do armário, como faziam com nossa geração na época da repressão, lembras-te, poeta? Trancaram alguns dos nossos nos armários e muitos não mais voltaram para suas casas. Os que voltaram não voltaram da mesma forma que entraram nos porões da ditadura. Muitas mães exigiram seus filhos de volta e hoje, poeta, eu exigi a bola de volta, esquecendo-me que a professora tem pressa, que precisa cumprir o programa e que tinha toda a razão ao ter ciúmes da bola. O meu filho

não sentiu falta da bola não. Ele não foi à aula na sexta, nem foi na segunda. Foi para a fazenda com o pai tocar um berrante e ainda por cima levou um colega com ele. Estou com medo que meu filho perca pontos por participação — descobri que ele não fez o exercício em que se pedia para escrever a diferença entre vida urbana e vida rural. E o pior, que se eu, que sou filha da cidade grande e que aprendi o que é vida rural nos livros, não ensinar para ele, é bem capaz que ele não saiba responder. Afinal, ele fica na casa da Marieta, mulher do Tião, peão que toma conta da fazenda. E ele vive a vida do campo: vê o Tião tirar leite e fazer queijo. Anda a cavalo com o filho deles, põe as galinhas para correr, vê o gado ser vacinado, e, à noite, vê as estrelas porque lá não tem televisão não. Mas se eu não cuidar, é bem capaz que ele tome bomba outra vez, pois ele só sabe o que é viver, não sabe nada de teoria. Não sei o que farei quando ele estiver mais adiantado na escola e tiver que contar os bichos pelos pés. Sabe aquele problema, poeta? No galinheiro havia x patas de coelho e y pés de galinha. Quantas galinhas e quantos coelhos habitavam o galinheiro? Tenho certeza de que ele não vai saber essas contas. Vou ter que ensiná-lo, desde já, a olhar para as patas dos bichos. Ele está acostumado a olhar as estrelas e contar animais pelas cabeças.

Mas voltemos à bola, essa malfadada que impede que as crianças merendem ou aprendam que existem drogas silenciosas nas esquinas e nas escolas. Será que aquelas duas bolas vão continuar no armário? A orientadora me disse que as crianças foram avisadas que a bola estava proibida na escola. Mas eu não sabia, poeta, senão não teria deixado que ele levasse a bola. Bem que o pai perguntou várias vezes, quando ele saía com a bola debaixo do braço, se não era proibido levar bola para escola. Na época do pai, escola nunca foi lugar de prazer. No colégio interno, a diretora tomou-lhe todas as bolinhas de gude. Desconfiou que um certo presidente, quando era criança, teve sua bola confiscada e compulsoriamente presa no armário. Naquele momento lhe ensinaram a não ter respeito pela propriedade alheia. O menino cresceu, virou presidente e, mirando-se, talvez no exemplo da escola autoritária, confiscou o dinheiro que o povo brasileiro, driblando a fome, depositou nas cadernetas de poupança. Quem sabe essa escola não está preparando meu filho para ser presidente desta Re-pública? Só que meu filho não quer a bola só para ele, ele a quer para passar de pé em pé, de colega para colega, distribuindo-a irmamente como deveria estar sendo distribuída a renda deste país verde e amarelo de tanta fome. O menino quer a bola para

dividir com os colegas e ao mesmo tempo somar no prazer coletivo. Como vês, poeta, essa esfera, de vidro ou de pano, de plástico ou de couro, há muito perturba a ordem escolar. Bola na escola só há lugar para uma. Sabe qual é? É uma azul anil que fica dentro de um losango amarelo ouro, que fica dentro de um retângulo verde amazônico. Dentro dessa bola há várias estrelas e uma frase, ORDEM E PROGRESSO. E dizem que essa frase positivista nem é de inspiração nacional.

Bola pra frente, poeta. Liberte as bolas! Compre muitas bolas e as espalhe pelo pátio na hora do recreio, e, se possível, aumente o tempo do intervalo que transgride a ordem em busca do prazer. Escola rima com bola. E se suas professoras continuarem com medo das bolas, encharque-as com teus versos, poeta. Teus versos nunca rimaram bolas com armários.

Um abração de poeta para poeta,

Mãe do menino, que ama/va a escola porque lá havia bolas e versos.

BAGDÁ - IRAQUE

Já faz alguns dias que Orion sobe mais cedo aos céus. Próximo à lua crescente e dourada brilha uma Vênus prateada, que desde o equinócio de primavera namora um Marte vermelho. A cada dia esses amantes celestes apaixonam-se um pouco mais. É o momento de uma conjunção planetária no palco milenar de Bagdá sob o imponente céu mesopotâmico.

Para mim Bagdá são duas. A cidade moderna, cheia de pistas de alta velocidade, cópia fiel das auto-estradas alemãs, interessa-me pouco. A cidade que me encanta tem colorido *kilin*, cheiro de especiarias vindo de seus muitos *souhks* e habitantes em cujo olhar eu reconheço uma cumplicidade kármica.

Choca-me o que vejo nas ruas. Esgotos a céu aberto colorem o solo de negro. As casas são protegidas por muros altos como prisões contra as tentações do mundo. O calor sufoca. O barulho nas ruas irrita.

Para mim Bagdá são duas. A cidade moderna, cheia de aparatos militares, resultado do estado de guerra no país, interessa-me pouco. A cidade que me encanta tem imponentes mesquitas onde minaretes dourados contrastam com o céu azul. A mistura de anil e ouro enche-me os olhos, transmite-me tranqüilidade, abre espaço para o desejo de conhecê-la melhor.

Transpor os muros exteriores que separa seu pátio interno do mundo dos homens é difícil. Aproximar-me do interior de suas mesquitas me é proibido. O desejo cresce, o conflito aumenta...

Choca-me o que espreito de relance no pátio interno dessas mesquitas. Pessoas cabisbaixas assentadas ao sol, mulheres de *shaddor*

negro chorando histericamente pelos muros, beijando desesperadamente os portões de entrada. O que exteriormente é retrógrado, machista e autoritário domina-me e, sem que consiga entender por quê, impele-me à busca.

Para mim Bagdá são duas. A cidade moderna, que por seu traçado urbanístico lembra o futuro, interessa-me pouco. A cidade que me encanta é aquela que não consigo explicar, que invade-me os sentidos com cores, sons e cheiros. Pareço correr atrás de uma cáfila de sonho, materializada como realidade palpável no meu horizonte. Sinto-me em casa saber por quê. Caminho entre cores, sons e cheiros e ou empurrado pela massa humana por ruelas estreitas e tortuosas. Perco mais e mais o contato comigo mesmo. Pareço não saber quem sou ...

Enquanto no palco celeste o namoro de Vênus e Marte é testemunhado pelo crescente islâmico, caem-se para mim os véus de *Maya*, as muralhas desabam e os portais do inconsciente são abertos ao meu desejo e curiosidade de explorador. A cidade moderna não mais existe. No meio do deserto vermelho surge uma outra cidade e, dentro de suas muralhas, penetro seus labirintos interiores aventurando-me em território desconhecido, desbravando-o a cada nova porta, espiando com olhos de criança por toda e qualquer janela ou greta que me surge à vista.

Para mim Bagdá são duas. A cidade real, descrita nos mapas, interessa-me pouco e talvez nem mesmo exista. A cidade que me encanta existe em meu interior, manifesta-se através de sonhos guiados por Vênus e Marte que em sua dança de conjunção celeste me são mais reais que as ruas pelas quais caminho.

Já faz alguns dias que Orion sobe mais tarde aos céus. Próximo à lua minguante e dourada brilha uma Vênus prateada, que desde o equinócio de primavera namora um Marte vermelho. A cada dia esses amantes celestes afastam-se um pouco mais. É o término de uma conjunção planetária nesse maravilhoso palco milenar sob o imponente céu mesopotâmico.

ENSAIOS

AS TRÊS ISAURAS: FICHAS DE ARQUIVO DESORDENADO DA MEMÓRIA FAMILIAR EM *A DANÇA DOS CABELOS*

Letícia Malard

Doutora em Literatura Brasileira
Professora titular (aposentada) de
Literatura Brasileira da
Universidade Federal de Minas Gerais
Brasil

Resumo

Leitura do romance *A dança do cabelos*, de Carlos Herculano Lopes, como reconstrução da memória familiar rural em Minas Gerais através dos seguintes aspectos: a problematização do foco narrativo; os sentidos da disseminação, na narrativa, do título e de uma das epígrafes em suas remissões a mitemas; a questão da mineiridade paradoxal, e as marcas de submissão da mulher ao patriarcalismo e seus mecanismos de escape.

Résumé

Lecture du roman *A dança do cabelos*, de Carlos Herculano Lopes, en tant que reconstruction de la mémoire de la famille rurale de Minas Gerais, à partir des aspects suivants: la problemátique des narrateurs; le sens de la dissémination - dans le récit - du titre et d'une des épigraphes en ce qui concerne leurs rémissions à des mythèmes; la question de la <mineiridade> paradoxale, et les marques de la submission de la femme et ses mécanismes d'évasion au patriarcat.

1. A problemática do foco narrativo

O título deste ensaio remete à questão do narrador no romance de Carlos Herculano Lopes, *A dança dos cabelos* (1987). Seu foco narrativo é propositadamente confuso e difuso. As três Isauras - avós, mãe e filha - são quem narra o romance, não se diferenciam pelo discurso literário narrativo e entram em cena sem qualquer aviso prévio. Evocam lembranças de um passado comum e interligado, cada recordação marcada apenas por espaçamentos na folha impressa. Nem os espaçamentos maiores, correspondentes à abertura de nova página-capítulo, asseguram que haja mudança do ponto-de-vista, tal é a identidade narrativa das três mulheres. É claro que existem indícios de qual delas está narrando certos fatos, afirmativa não válida para grande parte dos casos.

Exemplos de certeza são trechos narrativos da neta, devido a seus indicadores de vivência e viagens turísticas na época contemporânea. Ela parece ser a única a saltar da vida rural ou semi-rural para a eminentemente urbana, em caráter definitivo, com a livre escolha do parceiro amoroso. Em contraposição, outros trechos indiciam que sua mãe vivera um tipo de vida urbana enclausurada, estudando interna num colégio e de onde era possível escolher parceiros amorosos apenas via correspondência. Os encontros nunca se efetivavam, dado o regime religioso do internato. Já a avó, para sempre enclausurada no patriarcalismo rural, parece ter sido a maior vítima da violência em todos os sentidos, especialmente a sexual, obrigada que foi a unir-se ao homem que a estuprou depois de invadir belicamente as terras do pai e apropriar-se delas.

Alertamos para a repetição do verbo parece, no parágrafo anterior. Uma análise paciente talvez encontre marcadores mínimos, seguros, de quem narra o quê nessa narrativa labiríntica - e por isso chamada *A dança dos cabelos* - clareando os limites dos três focos narrativos. Talvez. Mas não será por aí que se caminhará. Nos movimentos da dança, seus fios se tecem, se embaraçam, se desembaraçam para se emaranharem de novo, num ritual narrativo em *moto continuo*.

A condição feminina dessas narradoras pertencentes à família rural, os tipos de enclausuramento que sofrem as mais antigas - cuja decorrência é a imposição de um companheiro com quem deverão viver para sempre - nos transmitem um retrato sem retoques dos papéis da mulher em nosso regime pratriarcal, de repressão da sua

sexualidade e, em contrapartida, de como enfrentam e procuram minimizar essa repressão. Em todo o texto, o autor trabalha com resíduos permanentes do implante do sistema familiar mineiro setecentista metaforizado nos cabelos dançantes, formando arabescos -quer na acepção de ornato, quer de rabisco.

2. O título do romance

O título abrange um campo semântico e metafórico maior do que «fios de cabelos». Sua primeira remissão no livro, p. 38[1], aparece significando fios invisíveis de linha que costuraram uma das narradoras por dentro, na infância, os quais ela não consegue desfazer na vida adulta. Na p.45, à hora do enterro do irmão, uma neblina cai e aos poucos vai engrossando e atingindo/tingindo os cabelos de Isaura. No momento seguinte, p. 53, diz a narradora que, às vésperas de seus quinze anos, o pai pela primeira vez a assentara no colo e passara as mãos em suas tranças, fazendo-a sentir na carícia o calor de seu corpo. A relação entre «tranças» e «prazer» também se encontra à p. 54 - quando Isaura, depois de ser estuprada, se liga a Marcela em encontros amorosos - à p. 90 - por ocasião da volta do marido pródigo, a quem a esposa se entrega para feri-lo em seguida com uma navalha - e à p. 82 - *tranças desfeitas* no momento da entrega amorosa. Na p. 68 é dito que a Isaura velha tem mania de ocupar-se com tranças, e, duas páginas adiante, a neta informa que suas primeiras tranças e carícias foram feitas na cidade onde nasceu. À medida que a narrativa prossegue, os fios literais continuam a pontuá-la, os metafóricos vão multiplicando-se, unindo-se, e a entidade narradora supõe que virão a transformar-se em barbantes, cordas e arame de cerca, na p.77.

No rastreamento das imagens que remetem ao título, são detectados intertextos míticos diversos e diversificados os quais, por sua vez, remetem a temas da memória familiar elaborados no romance.

Analisemos o intertexto do conto de Grimm, cuja personagem central é Rapunzel, em uma das versões mais correntes da literatura oral de nossas babás: seqüestrada na torre do castelo pela feiticeira, as tranças da moça são a única via de acesso para se chegar até ela,

---

[1] Lopes, Carlos Herculano. *A dança dos cabelos*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1987. Todas as citações serão feitas desta edição.

acesso ao qual somente a feiticeira tem. Certo dia, depois de ver a bruxa pedir a Rapunzel que jogasse as tranças a fim de que ela subisse, um príncipe faz o mesmo. A prisioneira atende ao pedido, na crença de que ele havia sido feito pela bruxa. Rapunzel espanta-se com a presença de um homem, ser que ela nunca vira. O fato se repete, até que a feiticeira descobre, corta os cabelos da moça e a leva para a floresta. A bruxa arma uma cilada para o príncipe, jogando-lhe as tranças já cortadas. Chegando à torre, ele verifica o engodo, atira-se da janela e, ferindo os olhos nos espinhos, fica cego. Depois de algumas peripécias o par se reencontra e vive feliz para sempre.

Esse conto de fadas constitui uma versão «feminina» do mito de Sansão, e ambos são transformações de mitos solares arcaicos. Nestes, os cabelos longos, detentores da força, apontam para os raios do Sol enquanto divindade. O enigma de Sansão é dos mais antigos da humanidade, mas a versão mítica que nos interessa aqui é a de qualquer bíblia, em que aparece a bela Dalila. Sua figura é homóloga à da feiticeira, na medida em que, ao descobrir que a fortaleza de Sansão reside nos longos cabelos, Dalila aproveita-se da situação de amante para cortá-los, fazendo-o perder a força e entregando-o aos inimigos, que também o cegam. No conto, a bruxa, ao saber que o príncipe se encontra com Rapunzel pelo caminho das tranças - a única força capaz de enganá-la - corta-as e com elas arma a cilada que leva o moço a perder a vista.

Tanto o conto quanto o mito giram em torno da «dança» dos cabelos trançados/amarrados. Prolongamentos hiperbólicos do corpo de Rapunzel, pois sua medida aproxima-se à da torre, são eles a única ligação entre ela e o mundo, mundo este representado maniqueistamente por duas entidades: a bruxa e o príncipe, o ódio e o amor, o extremo mal e o extremo bem. A proximidade do mundo com Rapunzel acontece somente através dos cabelos, que conduzem até ela pessoas e sentimentos antagônicos. E mais: o elemento fantástico do conto reside não só no tamanho dos cabelos como também na força física de Rapunzel, que suporta com freqüência o peso descomunal de um corpo, usando as tranças como cordas de alpinismo. Assim, a leveza da dança dos cabelos soltos aqui é substituída pelo peso que os cabelos pesados/trançados sustentam. Rapunzel vê-se obrigada a levantar, alternadamente, um peso ruim (a feiticeira) e um peso bom (o príncipe).

Sansão é também portador de prolongamentos hiperbólicos

do corpo, os quais o tornam um herói capaz de derrotar exércitos, com uma força misteriosa e secreta que lhe fora doada por Deus. Seus cabelos, tal como os de Rapunzel, são sua única ligação com o mundo: o mundo do mal - representado pelos exércitos inimigos aos quais tinha de vencer - e o do bem aparente - o amor de Dalila, que se encanta com eles, tocando-os e trançando-os. São os responsáveis pela derrota dos filisteus, povo inimigo, até que a sedução de uma «feiticeira» leva o herói a revelar-lhe o seu segredo. Tal como Rapunzel, Sansão é punido com o corte dos cabelos e a conseqüente perda da força em decorrência da entrega amorosa. Ele é feito prisioneiro pelos príncipes filisteus, que também o cegam. Mais tarde vai recuperar a força, graças à intervenção divina. Lembre-se, ainda, de que em ambos os mitos a punição pela cegueira mediada pela interdição amorosa é recebida pelo elemento masculino, reduplicando o mito de Édipo.

Ora, na recuperação das memórias de família, não necessariamente mineira, é claro, mitos arcaicos não poderiam faltar, pois estes sempre fizeram parte do imaginário dos grupos parentais, que os agenciam sempre que não conseguem resolver suas contradições no nível do real. No caso em pauta, o conto de fadas e o episódio bíblico - espaços discursivos do mágico infantil e do religioso adulto nas formas de comunicação da instituição familiar - articulam não somente magia e religião mediadas pela questão amorosa, mas também os sentidos apropriados da metáfora cabelos em ambos os mitos. Na construção da história familiar com tijolos de alguns de seus mitemas, novos agenciamentos metafóricos acontecem a partir das tranças de Rapunzel e da cabeleira de Sansão.

«Tranças» aponta para pelo menos três significados, coincidentemente o número dos narradores do romance, metaforizando-o: penteado, tramóia, confusão. O penteado consiste no entrelaçamento de, comumente, três madeixas, passando-se em alternância, a da esquerda ou da direita sobre a do meio. O resultado é, portanto, a união das três partes divididas do cabelo solto (leve), em uma só parte pesada, o próprio penteado. As três Isauras representam as madeixas trançadas, desde o início da narrativa, tal sua simbiose na vida geracional. E a narrativa progride sempre confirmando a simbiose, pelo discurso alternado das três mulheres, alternância não matemática, permeando-o a madeixa-avó, se assim se pode dizer, devido a sua condição de geratriz da consangüinidade. Da mesma forma, os focos narrativos são tranças, madeixas que, depois de trabalhadas,

não mais se distinguem.

Enquanto «penteado» *stricto sensu*, as tranças aparecem no texto relacionadas ao prazer interdito, tal como numa parte do conto de Rapunzel, quando elas servem de escada de acesso à torre, para seu amante. Da mesma forma Sansão, nos braços da amante Dalila, antes de ela ter conquistado sua absoluta confiança, mente dizendo que sua força acabaria se ela tecesse suas sete tranças numa corrente, prendendo-a no chão.

A interdição assume as formas de incesto, premeditação homicida e homossexualismo. Vejamos os textos:

Incesto:

«(...) o meu pai havia me amado, tendo, uma única vez, nas vésperas dos meus quinze anos, feito esta demonstração, quando, em uma noite de lua clara, ele me assentou no seu colo. E conversamos muito, enquanto ele passava as mãos em minhas tranças e eu sentia, com um leve temor, os seus chamegos e o calor do seu corpo.» (p. 53) (grifo meu)

Premeditação homicida:

« (...) uma mulher, conhecida nossa, que morava aqui nesta casa e que depois de passar mais de vinte anos esperando pelo seu marido, que anda de cidade em cidade colecionando amantes e águas-marinhas, o envolveu em suas tranças. E entre gemido, que se misturavam ao prazer, cortou com uma navalha o seu pescoço.» (p. 90) (grifo meu)

Homossexualismo:

«(...) e sentíamos em nossos corpos o vento frio da cachoeira, em cujas águas o sol dourou ainda mais as nossas peles, deixando mais negras as suas tranças e carnudos os seus lábios que sedentos buscaram os meus e umedeceram as minhas pernas nas horas em que, entre gemidos e abraços, eu descobri aqueles que seriam os meus breves momentos de amor.» (p. 54) (grifo meu)

Na acepção de «tramóia», «traição», o melhor exemplo encontra-se no penúltimo texto citado, onde «tranças» remete tanto para

penteado quanto para «tramóia», vocábulo típico do gênero dramático, da representação teatral. A mulher, ao envolver o marido em suas tranças no ato sexual para depois feri-lo gravemente no pescoço, envolve-se numa trama de sedução em que se mesclam o amor e o ódio guardados por vinte anos, colocando-se no interior do *paradoxo* de que fala Guimarães Rosa em «*Minas Gerais*»[2], ao qual se voltará em seguida. Essa Isaura é uma réplica invertida de Dalila e da bruxa, que se envolvem nas tranças de Sansão e de Rapunzel, respectivamente, para cortá-las e causar a cegueira do herói, no primeiro caso, e do príncipe, no segundo.

No sentido de «confusão», as tranças transpõem o significado literal do vocábulo para o metafórico. Remetem para o sinal de envelhecimento biológico (a neblina que se espessa atingindo os cabelos de Isaura no momento do enterro do irmão, confundindo, no branco, neblina e cabelos). Remetem também para a prisão interior das personagens em seus fantasmas, que gradativamente vai tornando-se cada vez mais sufocante. As personagens ficam sem vias de acesso de saída do labirinto psicológico confuso em que se metem. Os fios trançados vão transformando-se em barbantes, cordas e arame farpado, aprisionando as mulheres cada vez mais não só ao passado como também umas nas outras.

Ora, a indissociabilidade das narradoras bem como a disseminação do título por toda a narrativa, e nos termos da leitura que se acaba de empreender, vêm dialogar com a visão perspicaz sobre o paradoxal do mineiro, revelada por Guimarães Rosa no texto citado. Para os que não conhecem esse texto de seis páginas e meia, informa-se que se trata de um texto em que se misturam literatura, história, geografia, sociologia, filosofia, enfim, uma miscelânea genial.

Recuperando a síntese conceitual deleuzeana sobre o paradoxo, ou seja, aquilo que «*destrói o bom senso como sentido único, mas, em seguida, o que destrói o senso comum como designação de identidades fixas*»[3], as narradoras de *A dança dos cabelos* são paradoxais, a partir da técnica de narrar. Não têm identidade própria na medida em que perdem o caráter individual do nome - um único para três pessoas. A contestação deste, portanto a não-garantia da permanência de um saber narratório, faz do romance um mundo de in-

---

[2] (O mineiro) Sente que a vida é feita de encoberto e imprevisto, por isso aceita o paradoxo; (Rosa, 1985: 272)

[3] Deleuze, 1975: 3

certezas pessoais, ou, como diria Deleuze, esquarteja o sujeito segundo a dupla direção: subvertendo simultaneamente o bom senso e o senso comum, que são o dois aspectos da *doxa*[4]. Esse paradoxo, a começar pelo foco narrativo, incorpora tanto o previsível/imprevisível quanto o reconhecível/irreconhecível da mineiridade, como a interpreta Guimarães Rosa no texto citado, ao mencionar, por um lado, a «*memória longa*» do mineiro, suas audácias invisíveis, e, por outro, a afirmativa categórica de que «*De Minas, tudo é possível (...) tudo o que aberra e espanta*». Sem ter aqui o espaço necessário para o aprofundamento da questão, pode-se dizer que Rosa encontra a lógica do sentido mineiro, «*do homem em permanente estado minasgerais*», na força do paradoxo, representado em seu texto pela enumeração de qualificativos (sagrados e profanos) atribuídos ao mineiro - pela população do País e pelo próprio escritor - ora caótica, ora taxionômica. Essa adjetivação dá conta do que dizem desse homem e do que ele próprio diz de si mesmo, transitando da confirmação para a negação da doxa. O que se afirma, ao fim e ao cabo, é que «*o mineiro há (...) o mineiro está sempre pegando com Deus (...)* », mas em Minas «*o diabo aparece, regularmente*». Minas é, portanto, o espaço ilimitado do paradoxo.

Assim, a narrativa de Carlos Herculano. Associando as Isauras numa univocidade e compatibilizando-as com seres da mitologia cristã (Sansão e Dalila) e da mitologia «pagã» (Rapunzel, o príncipe e a bruxa) através de mitemas que sinalizam para o bem e o mal, o romancista alcança o infinito do paradoxo. Se, por um lado, as Isauras são vítimas do patriarcalismo de seus Antônios, por outro lado escapam dele pelo exercício desejante do incesto, pela prática do homossexualismo culposo e do homicídio premeditado. Sem dúvida, os três pecados de horror dessa Minas da mais antiga tradição mineradora ou, nas palavras de Guimarães Rosa:

«(...) donde de tudo surde um hábito de irrealidade, hálito do passado, do mais longe, quase um espírito de ruínas, de paradas aventuras e problemas de conduta, um intimativo nostalgiar-se, a melancolia que coerce, que vem de níveis profundos.»[5]

---

[4] Id. ib.: 78-81.
[5] Rosa, 1985: 270

3. A família enquanto narrador

A tentação do leitor é esforçar-se em discriminar os focos narrativos.

Acredito que inutilmente, tal como uma Isaura que costurou fios e não consegue desfazê-los, tal como o escritor que também os trançou, porém deixando várias pontas impossíveis de se atarem. Sob a perspectiva da recepção do texto, a discriminação dos focos seria positiva: ela daria lógica ao sentido do enredo, amenizando a angústia do leitor já de si angustiado pela sucessão de mortes antinaturais e outros tipos de violência. Contudo, sob a ótica da criação literária, a discriminação faria perder a marca da técnica da narrativa, cujo suporte consiste na revelação das três faces de uma mesma Eva «encarnada» em gerações sucessivas, que conta e reconta a sua história paradoxal, como se contasse a história da vida privada da mulher rural (mineira).

Assim sendo, a estruturação física do romance apresenta-se como um arquivo memorialístico desorganizado, onde as fichas registram dados que tanto podem ser privativos de uma pessoa quanto de outra(s). Os dados se intercambiam e estão sujeitos a interpretações várias, de tal forma que o arquivista se vê obrigado a rever seus critérios de ordenamento e conformar-se com a confusão das fichas, fantasiando-as como cartas de baralho mágico. Tal como o arquivista, o leitor, sua metáfora, precisa reciclar-se, revendo seus critérios de legibilidade para aceitar sem maiores transtornos uma narrativa com focos narrativos misteriosos, encobertos tanto como o autor do crime no romance policial, porém com uma diferença. Neste, ao fim e ao cabo, sabe-se quem é o criminoso.

Como não é usual essa técnica narrativa, o leitor desavisado pode encontrar nela um defeito, próprio de escritor jovem e inexperiente. Entretanto, não é esse o caso em pauta. Carlos teve plena consciência do que fez, e quanto a isso acho importante dar um depoimento pessoal. Quando concluiu a primeira versão do livro, procurou-me, na qualidade de amigo e confiante na professora de literatura, a fim de que lhe desse opiniões e sugestões. Elogiei o texto, propus algumas modificações e chamei a atenção para a indiscriminação dos focos narrativos, em vários momentos. Sugestões foram acatadas pelo autor, mas a questão do foco permaneceu quase intocada. Isso vem comprovar o propósito da técnica, seu caráter inovador, mas também o risco de ser rejeitada pelo leitor e pela

crítica. Porém, mais tarde, relendo sobre o paradoxo via Deleuze e a mineiridade via Guimarães Rosa, pude compreender aonde Carlos queria chegar.

4. A uniformização dos discursos narradores

O mesmo se poderia dizer sobre a indiscriminação dos discursos das narradoras, corolário da indistinção dos focos narrativos. Discriminá-los seria dar a chave da identificação total, anular algumas formas de manifestação do paradoxo, acabar com o caráter de replicante entre as Isauras e seus Antônios. Ocorre-me a crítica de Silviano Santiago ao *Relato de um certo Oriente*, romance do então estreante Milton Hatoum. Santiago atribui a defeito técnico a similitude de discursos dos diferentes narradores. Diz ele:

«Não existe um único narrador no romance, apesar de ele se apresentar como «escrita da memória». São vários os narradores. Mas não há diferença alguma de fala (a não ser as acidentais, em geral de comportamento) entre os vários narradores. (...) Há falsidade psicológica ao nível do tratamento da linguagem. Isso é grave.»[6]

É possível que o crítico tenha razão, no caso de Hatoum, pois nele não há a intencionalidade de «unificar» os narradores, como em Carlos H. Lopes. No escritor amazonense, as memórias de uma família de imigrantes libaneses são narradas por diferentes pessoas, guardando cada qual sua identidade. Em Lopes, predomina a unicidade de uma voz narrativa familiar, ou seja: as narradoras, além de estarem ligadas da forma mais direta pelos laços de sangue, dentro do sistema de parentesco, também se ligam pelo mesmo prenome e pelo mesmo prenome de seus parceiros amorosos. Portanto, tomando-se as três Isauras como emissoras da voz da memória familiar, quase como uma entidade abstrata, e complexa no nível da representação, justifica-se não só a similitude de seus discursos como também, a mixagem dos focos narrativos. Lopes, construindo o monólogo interior da Isaura neta:

*«E por que me privar destes sonhos, **se sou ao mesmo tempo as duas**, embora em meu coração, em diferentes mas cadencia-*

---

[6] SANTIAGO, 1989: 5.

dos compassos, pulse a vida de uma terceira mulher que também se chama Isaura e que como elas nasceu em Santa Marta, (...)» (p. 70) (grifo meu)

5. A disseminação da primeira epígrafe pela narrativa

A epígrafe de número 1 é retirada de *Sete noites*, de Borges:

«... Mas eu sempre soube que, a longo prazo, tudo isso se converteria em palavras - sobretudo as coisas ruins, já que a felicidade não precisa de transformações. A felicidade é seu próprio fim.»

Ela remete para diversos caminhos que se bifurcam - espelho, portanto, da própria narrativa - a começar pela teorização do estatuto da criação literária, feita por Borges e retomada por seu fiel leitor, Carlos H. Lopes. A essa epígrafe poder-se-ia acrescentar outra, do mesmo Borges, retirando-a do conto «O imortal»: *A história que narrei parece irreal porque nela se misturam os sucessos de dois homens diferentes*[7]. Onde se lê *dois homens*, leia-se *três mulheres*, no caso.

A dança do cabelos constitui-se num somatório de infelicidades, que se repetem patologicamente nas três gerações e circulam pela narrativa sob a forma de resíduos arcaicos, para não dizer genéticos, que se transmitem hereditariamente. Não de forma determinista, é claro, mas devido à solidão das vozes narrativas em uma única - a voz da memória familiar - como já foi dito.

Fernando Correia Dias, comentando o enrijecimento do patriarcalismo em Minas, informa:

«(...) nem tudo se apresenta negativo na vida social da família. Pode-se ter uma imagem por vezes favorável às virtudes e aos valores culturais do ambiente familiar através desses documentos pessoais deliciosamente expressivos, que são os relatos íntimos referentes à Velha Minas.»[8]

Como exemplo desses relatos, Correia Dias cita o Minha vida

---

[7] BORGES, 1973: 15
[8] DIAS, 1971: 29

de menina, Helena Morley (1942), cujo subtítulo é Cadernos de uma menina provinciana nos fins do século XIX. Sob a forma de diário, Helena conta suas memórias, a partir de 1893. Trata-se de um relato em tudo oposto a A dança dos cabelos, a começar pelo binômio felicidade versus infelicidade. Helena tematiza a infância alienada do sofrimento, mas não se preocupa com a profundidade analítica do psicológico no traçamento das personagens. Para ela, a infância é a Idade de Ouro, o berço esplêndido que os anos não trazem mais. Por outro lado, as Isauras mostram o reverso da medalha, revelam cruamente o enrijecimento do patriarcalismo, têm clareza de sua consciência infeliz e da submissão a que ele sujeita as mulheres. Mas contra ele se rebelam, mediante a prática de interjeições, conforme já se viu. A título de exemplo, comparem-se as reações de Helena e de uma Isaura diante de um fato comum em ambas as narrativas - o papel do padre nas relações familiares. As citações são longas, mas valem. Diz Helena:

«Há dias encontrei-me com Padre Neves, em casa de minhas tias inglesas e senti que ele teve tanto prazer em me ver como eu. (...) Eu sempre gostei de Padre Neves, considerando-o um santo na terra para encaminhar as almas para o Céu. Ele não se aborreceu comigo por ter dito no confessionário que o achava feio e continuou gostando de mim na mesma.»[9]

Em casa de tia Madge, esta lhe conta os elogios que o padre fizera à menina. Ela fica satisfeita e diz ser uma das boas coisas da vida a gente querer bem a uma pessoa e ser correspondida. E continua:

«Quando eu estava no Catecismo tinha tanta admiração por Padre Neves e tanta amizade que o melhor dia para mim era o sábado, dia em que nos reuníamos em casa dele para os ensaios de canto (...) Lembro-me até hoje do gosto que ele tinha em nos obsequiar com doces e biscoitos (...)»[10]

Nem de longe Helena poderia colocar sob suspeita o comportamento do sacerdote, seu carinho e seu agrado pelas guloseimas.

---

[9] MORLEY,1966: 160.
[10] Id, ib.: 161

Santidade, feiúra e amizade são suficientes para garantir o caráter angelical do padre e seu respeito pela família. Por outro lado, a experiência de Isaura nada tem de inocente: o homem da Igreja é representado como um anjo mau. Fingimento, sujeira e traição à confiança nele depositada pela família são as suas marcas.

Isaura, ao receber os pêsames do padre no funeral do irmão, observa:

«(...) não sei explicar direito o que senti: mas uma espécie de nojo ao perceber encostado no meu, aquele rosto suado e muito liso. E ficou tão clara a minha reação, que dias mais tarde, quando as coisas estavam mais ou menos no lugar, minha mãe se trancaria comigo no quarto para dizer: você agiu muito mal ao proceder daquela maneira, destratando sem nenhuma razão a quem sem interesse nos serviu.»[11]

Se aceitamos que o homem de roupas negras (p. 75) seja esse padre, que também leva Isaura para sua casa, dá-lhe figurinhas, bombons e brevidades em troca da permissão de carícias luxuriosas, patenteia-se a representação oposta que as mulheres têm do sacerdote: a ingenuidade feliz de Helena, gratificada com a amizade sincera do anjo, e a permissividade repulsiva e infeliz de Isaura, ofendida com os abusos sexuais do demônio.

A tematização da infelicidade, sua transformação em literatura (porque a felicidade não precisa de transformações, diz Borges), acabaria, em última instância, por conferir à literatura o caráter de imortalidade a que todo escritor aspira para sua obra. Isso não significa que Lopes, nessa epígrafe, esteja acenando pretensiosamente para uma certeza de permanência de sua obra, muito menos comparando-se com o escritor argentino. Ela, a epígrafe, remete ao caráter da escrita enquanto construção de uma memória (familiar), cujo pilar ou ponto de irradiação é a Isaura escritora que, em viagem pela Argentina (a pátria de Borges), faz anotações e fica indecisa quanto a remetê-las ou não ao amado Antônio.

Portanto, é uma Isaura que, de alguma forma, crê na imortalidade da genealogia familiar ao registrar a sua história infeliz e, registrando-a, faz suas as vozes das outras Isauras.

Se a finalidade da escrita consiste em transformar o efêmero

---

[11] Lopes, 1987: 42.

em eterno, se a conversão de coisa em palavras é sua única garantia de imortalidade, se esse processo conversivo é válido somente para a matéria infeliz (porque a feliz não se converte), resta, à terceira Isaura escritora, a dúvida: divulgar ou não a sua infelicidade histórica, contar ou não as estórias de morte de sua família para que esta se torne imortal e a redima de todas as mortes, na condição de última da genealogia, seu fim. A epígrafe do livro desse fiel leitor de Borges só poderá ser esclarecida com o fecho de O imortal:

«Quando se aproxima o fim (...), já não restam imagens da lembrança; só restam palavras. Palavras, deslocadas e mutiladas, palavras de outros, foi a pobre esmola que lhe deixaram as horas e os séculos.»[12]

É por isso que a importância da palavra escrita no discurso de A dança dos cabelos corresponde à arca indelével deixada pelas mortes da família no mundo dos vivos. Fernando, o tio suicida, construiu a casa mais luxuosa da cidade. Antes de morrer, escreve com o próprio punho, em suas paredes e com letras vermelhas, versos de louvor à vida, nos quais pede que não chorem por ele. Uma Isaura, ao pensar na morte, diz que nada mais resta para si além do bordado de uma letra. Antes de matar o marido, escreve nas paredes frases que louvam a procura suicida do amor, e não de louvor à vida, como escreve o tio Fernando. O médico da Isaura louca contrai lepra depois de escrever um livro sobre o assunto. No internato, Isaura joga pela janela bilhetes a rapazes, pedindo cigarros e marcando encontros que nunca acontecem, e foge do colégio por causa da menina que lhe deixara, sob o travesseiro, um bilhete de amor. Isaura-mãe teme que, após sua morte, a filha venda as terras para uma companhia que deseja instalar nelas fábricas com letreiros que ninguém entende.

Esses são alguns exemplos da presença da palavra-signo na narrativa, em que escrita e morte se associam, ou, por outra, reforçam o significado da epígrafe mencionada: a infelicidade, as coisas ruins cujo limite insuportável é a morte, transformando-se em palavras. Estas anunciam ou reconfirmam desgraças e funcionam como significantes de corpos que se encontram no limite e, antes de

---

[12] Borges: 1973: 17

ultrapassá-lo, imprimem nas superfícies objetuais afetivas o seu epitáfio - último discurso a ficar registrado no rito de passagem.

Não raro a letra se alterna com o ícone - imagem da escrita, seu desenho e sua visualização. Uma Isaura ritualiza a volta ao passado folheando toda noite o álbum de família. Outra Isaura expressa sua loucura ora rabiscando traços fortes e coloridos que se transformam em quadro pintado especialmente para a mãe, ora comendo jornais e revistas velhos, que estampam fotos de rapazes, fotos que serviram de jogo sexual para a mesma mãe, em outros tempos. Outra narradora cultiva o rito de homenagem ao marido morto, regando-lhe a sepultura, mas, antes, traça no chão várias cruzes. E há ainda a sedução do olhar e do ler revistas e livros que despertam desejos sexuais.

Cabelos, fios, narradoras, discursos, dialogação intertextual, epígrafe, palavras, ícones. Portas que se abrem para um labirinto que falazmente desemboca na mesma câmara, como em "O imortal". E construindo uma narrativa que persegue a imortalidade de uma genealogia, sua história repetitiva e espelhada, Carlos Herculano Lopes põe em prática a reflexão do narrador borgeano:

«Entre os Imortais (...) cada ato (e cada pensamento) é o eco de outros que no passado o antecederam, sem princípio visível, ou o fiel presságio de outros que no futuro repetirão até à vertigem. Não há coisa que não esteja como que perdida entre infatigáveis espelhos. Nada pode ocorrer de uma só vez, nada é preciosamente precário.»[13]

Belo Horizonte, setembro de 1993 e agosto de 1995.

Referências bibliográficas

BORGES, Jorge Luiz. «O imortal». In: *O aleph*. Trad. De Flávio José Cardozo. Porto Alegre: Globo, 1973. p. 3-17.

DELEUZE, Gilles. *Lógica do sentido*. Trad. Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Perspectiva, 1975.

DIAS, Fernando Correia. *A imagem de Minas*, Ensaios de sociologia regional. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1971.

[13] *Id. ib.*: 13.

LOPES, Carlos Herculano. *A dança dos cabelos*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1987.

MORLEY, Helena. *Minha vida de menina*. Rio: José Olympio, 1966.

SANTIAGO, Silviano. Autor novo, novo autor. *Jornal do Brasil; Idéias*. N. 135. 29 Abr. 1989. p. 4-5.

ROSA, João Guimarães. Minas Gerais. In: *Ave, palavra*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. p. 269-75.

AUTOINVENÇÃO E METAMORFOSE

Ruth Silviano Brandão*

Poesia está sempre no escuro regaço das fontes.
Manoel de Barros.

Este título vem de um poema de Murilo Mendes[1] e este texto nasce de uma indagação a propósito do estilo, advinda das reflexões de Lacan a esse respeito, às quais tentaremos articular a questão das fontes e influências, apontando para alguns novos rumos teóricos, privilegiando, antes de tudo, a linguagem, suas possibilidades, seu limites, sua marca original.

Partindo do aforismo de Buffon, "o estilo é o homem", Lacan questiona justamente esse o homem, como uma referência não mais tão segura[2]. Mais tarde, ele afirma a impossibilidade de o homem ter uma "personalidade total", pois o jogo de deslocamento e condensação ao qual ele é destinado, no exercício de suas funções, marca sua relação de sujeito ao significante.[3]

Se "o estilo é o homem", deve-se pensar, antes, num *Outro*, de onde vem nossa mensagem "sob uma forma invertida", um *Outro* a quem nos dirigimos, *Outro* não corporificado, ausência, lugar de falta, mas possível de se personificar na cultura, aí muitas vezes singularizado em um Mestre, lugar onde o discurso retorna.

---

* Professora de Literatura da UFMG. Co-autora da A mulher escrita. Rio de Janeiro: Casa-Maria, 1989. Autora de Mulher ao pé da letra. Belo Horizonte: ed. UFMG\ Secretaria Municipal de Cultura, 1994 e Pássaro em vôo. Belo Horizonte: Miguilim, 1994.

[1] MENDES, Murilo. Murilograma a T. S. Elliot. In: _____ Murilo Mendes. Poesia completa e prosa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. p. 697.

[2] LACAN, Jacques. Escritos. Trad. Inês Oseki-Depré. São Paulo, Perspectiva, 1978. p. 13.

[3] Idem. Ibidem. p. 269.

O estilo é o homem, acrescentaríamos à fórmula, somente para alongá-la: o homem a quem nos dirigimos? Seria simplesmente satisfazer ao princípio promovido por nós: que na linguagem, nossa mensagem nos vem do outro, e para enunciá-lo até o fim: sob uma forma invertida. (Lembremos que esse princípio se aplicou à sua própria enunciação, visto que ao ser emitido por nós, é de um outro, interlocutor eminente, que ele recebeu sua melhor marca.)
Mas se o homem se reduz a ser apenas o lugar de retorno de nosso discurso, não nos retornaria a questão de: para que lho endereçar? [4]

Enfim, o sujeito marcado por uma divisão, por ser falante, verifica que um objeto o atravessa: o objeto a, causa de desejo, resto, resíduo, onde o sujeito se eclipsa, letra, literalidade.[5] Não mais se pensa o homem na sua inteiridade modelar, mas o lugar onde o sujeito se constitui, sua escrita aí onde ele se apaga, perpassado por algo que funciona como causa de novos significantes, novas escritas que proliferam de modo peculiar na cena literária.

Vale lembrar, também, um artigo de Catherine Backès-Clément, citado por Haroldo de Campos,[6] em que ela afirma o seguinte:

O estilo, definido por Lacan, se situa de partida fora de sua situação literária, ou antes, ele é o correlato necessário daquilo que, em Lacan, se chama LETRA, e regenera o significante literatura, que vem de belas-letras. O estilo, formação revolucionária no plano da linguagem, é o que, no pensamento de Lacan, torna possível um ultrapassar da literatura em proveito da literalidade: (...) poder da letra, instância da letra no inconsciente, e, como indica a seqüência desse título de um extrato dos ***Écrits, la raison depuis Freud*** *(a razão desde Freud), gênese de uma racionalidade.*

---

[4] Idem. Ibidem. p. 14.
[5] Idem. Ibidem. p. 15.
[6] CAMPOS, Haroldo de. O afreudisíaco Lacan na galáxia de lalíngua. (Freud, Lacan e a escritura). Exu. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado. 1990. p. 3.

Tais pressupostos nos obrigam a voltar para o campo literário e para a maneira tradicional como se pensa o estilo. Fazia parte do ideário estético dos poetas parnasianos o modelar a palavra, esculpir o poema na procura das formas do Belo. Algo da ordem do escultor e sua escultura, do ourives e sua jóia. Formas fechadas, plenas, esculturais deviam-se repetir, não se privilegiando o original, mas a sua reprodução. Assim se marcava esse estilo que repetia outro, o neoclássico, que repetia outro, o clássico, que buscava na antigüidade os traços de um modelo. Algo, então, devia-se transmitir, um ideal do Belo que se expressaria numa retórica determinada, submetida a hierarquizante e autoritária estética.

Paradoxalmente, os poetas que mais obedientemente seguem um estilo são considerados menores na tradição literária, entretanto neles se detecta mais facilmente o estilo de uma época - daí rapidamente se chega às noções de clichê, de formas estereotipadas que levam ao cansaço de uma norma.

A busca da perfeição, entendida como plenitude e acabamento, chega surpreendentemente à imobilidade e à petrificação das formas. Mesmo assim, algo de diferente perpassa certos textos, ainda que neles se localize uma fonte, um lugar preciso, de onde ressoam os ecos de um canto inaugural.

Aliás, a noção de fonte em teoria literária tem sido polêmica, já que leva a questões ideológicas, de centramento e hierarquia estética e, hoje, cada vez mais se privilegia exatamente os textos que produzam um descentramento, uma desterritorialização, fazendo desaparecer as fronteiras rígidas de um centro imaginário e encarcerante.

Pode-se pensar a metáfora da fonte de outra maneira, entretanto: como um lugar inaugural onde ocorre um batismo, onde se ganha um nome ou se filie a uma família de poetas - mesmo que seja para renegá-la mais tarde. A voz do escritor é tecida de outras vozes, nela ressoam outros ecos, tonalidades, ritmos que revelam sua passagem por lugares vários, viagens, às vezes breves, por escritos, textos que deixam marcas na sua voz, interferem no que sua pena produz.

Um sem-número de escritores em seus depoimentos falam dessa dívida a uma voz, ao rumor de uma época, ao burburinho disso que se costuma chamar de um estilo de época.

Alguns, propositadamente, repetem em um ou outro poema

um texto antigo, talvez esquecido no tempo, como no **Solau do desamado**[7] de Bandeira.

SOLAU DO DESAMADO

Donzela, deixa tua aia,
Tem pena de meu penar.
Já das assomadas raia
O clarão dilucular,
E o meu olhar se desmaia
Transido de te buscar.
Sai desse ninho de alfaia,
- Céu puro de teu sonhar,
Veste o quimão de cambraia,
Mostra-te ao fulgor lunar.
Dá que uma só vez descaia
Do ermo balcão do solar
Como uma ardente azagaia
O teu fuzilante olhar.
Donzela, deixa tua aia,
Tem pena de meu penar...

Sou mancebo de alta laia:
Não trabalho e sei justar.
Relincham em minha baia
Hacanéias de invejar.
Tenho lacaio e lacaia.
Como um boi ao meu jantar!
Castelã donosa e gaia,
Acode ao meu suspirar
Antes que a luz se me esvaia,
Tem pena de meu penar.

Vou-me ao golfo de Biscaia
Como um bastardo afogar.
Minhalma blasfema e guaia,
Minhalma que vais danar,

---

[7] Bandeira, Manuel. In: Poesia completa e prosa. Rio, Aguiar, 1967. p. 169 - 170.

Dona Olaia, dona Olaia!

- Meu alaúde de faia,
Soluça mais devagar...

Para o leitor contemporâneo, esse poema evoca um cantar trovadoresco, não exatamente igual, não tão parafrásico como a **Paráfrase de Ronsard**[8] do mesmo Bandeira. Entretanto, esse **Solau**, que na verdade é um antigo romance em verso com música, evoca a palavra solar, também aristocrática, como o ambiente do cantares de amor. E aí repetem-se as palavras arcaizantes, como assomadas, como alfaia, como quimão, como azagaia. Tudo isso, pela escolha semântica, pela demanda amorosa do poeta a uma donzela inatingível - e não a uma dama casada também inatingível - faz lembrar as cantigas ibéricas.

Sabemos que muitas dessas produções medievais eram anônimas e, entretanto, há aí um estilo marcado, que Bandeira repete, como no seu **Cantar de Amor, en maneyra de proençal**, que está na **Lira dos Cinquent'anos**.[9]

O **Solau do desamado**, com todas as diferenças que o poeta faz presentes, tem algo que evoca um estilo de escrever poesia, um estilo de amar, apesar de seu tom dessacralizante - um ritmo talvez, uma certa respiração, uma repetição cadenciada de ai, aia, nas palavras aia, raia, desmaia. Uma pulsação, algo de corporal que obriga o leitor a se cadenciar de certa maneira, a repetir uma inflexão, um pulsar. Logicamente isso é mais Bandeira do que um poeta medieval. E esse estilo se revela lendo-se sua obra toda: é algo que está na ordem da musicalidade, de um ritmo cardíaco determinado, de uma pulsação definida.

Na obra de Murilo Mendes, há alguns poemas chamados **Murilogramas**,[10] onde **grama** está para **gramat(o)-**, para letra, inscrição de um traço, que pede a presença do estilete, do stylo, que faz pensar na concretude do significante, na palavra na sua materialidade, na sua visibilidade ou figurabilidade. Figurabilidade que remete à própria palavra.

---

[8] Idem. p. 171.
[9] Idem. p. 296-297
[10] MENDES, Murilo. Convergência. In:_____.Murilo Mendes. Poesia completa e prosa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. p.685-686.

Nos Murilogramas, Murilo repete o estilo de outros poetas. Assim há Murilograma a Fernando Pessoa, Murilograma a Camões, a Rimbaud, a Baudelaire, Murilograma a Graciliano Ramos:[11]

1

Brabo. Olhofaca. Difícil.
Cacto já se humanizando,

Deriva de um solo sáfaro
Que não junta, antes retira,

Desacontece, desquer.
2

Funda o estilo à sua imagem:
Na tábua seca do livro.

Nenhuma voluta inútil.
Rejeita qualquer lirismo.

Tachando a flor de feroz.
3

Tem desejos amarelos.
Quer amar, o sol ulula,

Leva o homem do deserto

(Graciliano- Fabiano)
Ao limite irrespirável.
4

Em dimensão de grandeza
Onde o conforto é vacante,

Seu passo trágico escreve
A épica real do BR
Que desintegrado explode.

---

[11] Idem. p. 92-93.

Diferente de Bandeira, que aparentemente se apaga diante do estilo alheio, Murilo se presentifica sempre, mas exibindo outras marcas, revelando a voz do outro nele próprio.

A questão do estilo está sempre ligada à repetição e à diferença, à norma e ao desvio. Entretanto, sempre a repetição já é diferença, o mesmo já é outro - pois, como afirma Barthes sobre estilo:

> *" Seja qual for seu refinamento, o estilo tem sempre algo de bruto: é uma forma sem destinação, o produto de um impulso, não de uma intenção, é como que uma dimensão vertical e solitária do pensamento. Suas referências estão ao nível de uma biologia ou de um passado, não de uma História: ele é a "coisa" do escritor, seu esplendor e sua prisão, sua solidão. Indiferente e transparente à sociedade, gesto cerrado da pessoa, de modo algum constitui produto de uma escolha, de uma reflexão sobre a Literatura.*
> *É a parte privada do ritual; eleva-se a partir das profundezas míticas do escritor e expande-se fora de sua responsabilidade. É a voz decorativa de uma carne desconhecida e secreta; funciona à maneira de uma Necessidade, como se, nessa espécie de explosão floral, o estilo fosse apenas o termo de uma metamorfose cega e obstinada, brota de uma infra- linguagem que se elabora no limite da carne e do mundo."*[12]

Finalmente, quero lembrar um conto de Borges, em que a questão do estilo com seus corolários - a paráfrase, o pastiche - sua relação com a memória e o esquecimento - se fazem presentes: **Pierre Menard, autor do Quixote**.

Nesse conto, o romancista Pierre Menard - autor de sonetos, monografias, artigos, traduções - resolve escrever o **Dom Quixote**. Não reescrever, traduzir, resenhar, mas escrever:

> *"Não queria compor outro Quixote - o que é fácil - mas o Quixote. Inútil acrescer que nunca visionou qualquer transcrição mecânica do original;não se propunha copiá-*

---

[12] BARTHES, R. Novos ensaios críticos. O grau zero da escritura. São Paulo, Cultrix, p. 122.

lo. Sua admirável ambição era produzir páginas que coincidissem - palavra por palavra e linha por linha - com as de Miguel de Cervantes".[13]

Se o projeto é ilógico, absurdo, assombroso, como o próprio Menard afirma, o conto de Borges não coincide com o despropósito de seu personagem.

Ironicamente, Borges não perde tempo de mostrar que a empresa é impossível, pois, surpreendentemente, Menard faz um texto idêntico ao de Cervantes. O próprio narrador da história confessa que, lendo o Quixote, reconheceu o estilo de Menard e chegou a aí ouvir sua voz. Lendo os dois, Menard e Cervantes, reconheceu que: "o texto de Cervantes e o de Menard são verbalmente idênticos, mas o segundo é quase infinitamente mais rico. (Mais ambíguo, dirão seus detratores; mas a ambigüidade é uma riqueza)".[14]

De onde vem a diferença? Perguntamos, nós, os leitores. No estilo: "O estilo arcaizante de Menard - no fundo estrangeiro - padece de alguma afetação. Não assim o do precursor, que com desenfado maneja o espanhol corrente de sua época"[15].

Não é por acaso que o Quixote era considerado um livro "contingente" e "inecessário" para Menard, que não bebeu na fonte de Cervantes, mas na de Poe, "que gerou Baudelaire, que gerou Valéry, que gerou Edmond Teste".[16]

Certamente não encontraremos na escolha vocabular as características do estilo de Menard, já que é a mesma de Cervantes. Talvez uma outra pontuação, uma outra disposição gráfica, já que não houve tradução e sabemos também que a tradução literal é impossível e o sonho da transparência inalcançável, pois no deslizamento de uma língua para outra, perde-se sempre algo. Aliás Menard, francês, escreveu em espanhol.

Talvez seja possível apenas falar no estilo de Borges, esse mestre ilusionista e trapaceiro que faz armadilhas da escritura, inventa originais, joga com o verdadeiro e o falso, embaralha os nomes de autores - ele - bibliotecário de uma biblioteca babélica.

---

[13] Idem. p. 51-52
[14] Idem. p. 56.
[15] Idem. p. 56-57.
[16] Idem. p. 53.

Lembrando novamente Barthes para quem "o estilo é sempre um segredo" e "seu segredo é uma lembrança encerrada no corpo do escritor",[17] descobrimos que esse segredo está na enunciação. O enunciado é lugar das paródias do pastiche, de todos os jogos da linguagem, mas a enunciação vem da memória e do esquecimento do autor, dos segredos do seu corpo, do ritmo pulsátil de sua mão que segura o estilete da escrita, na letra, sua marca inaugural, inscrição primeira que se escava no real.

---

[17] BARTHE, R. op. cit. P. 123.

Dia dos Mortos,[1]

Rui Rothe- Neves

Com a tradição no ar, no ano passado foi uma carta nestes mesmos dia e teor pra comemorar nossos mortos. Esses sobre o quais passeamos nesse exercício de diálogo em sussurros a que nos acostumamos chamar literatura. Que ora se repete. Como outras vezes antes, o chão que hoje nos deixa pisar, um equilátero com Poe no ápice e nas bases, de um lado, Richard Wilbur, "Mind", de Things of this world, 1956. Destroços dele é o que se traduz:

> E isto simulou uma quase perfeição?
> A mente é qual morcego. Precisamente. Salvo
> Que na mais feliz intelecção
> Um erro gracioso possa corrigir a caverna. [2]

A poetas: "Meus poemas se inclinam a favorecer uma espiritualidade que não é abstraída, não é dissociada e renunciando ao mundo. Uma boa parte do meu trabalho poderia ser entendida como querela pública com a estética de E. A. Poe"[3]

No outro lado da base da tríade que preside a noite (é, uma noite), outro, que não ouço agora.

---

[1] Enviado ao poeta paraense Raul Thadeu da Ponte Souza, escrito em 2.11.1992, este excurso quer apontar algumas relações intertextextuais (com o extratexto, inclusive) que de alguma maneira se dão no repertório da (melhor) poesia brasileira contemporânea. Traduções minhas.

[2] In: The Harvard Guide of Contemporary American Writing, Harvard University, 1979, p. 474.

[3] Idem.

O Corvo[4]
(a E. A. Poe)

Nos confins da memória
um pássaro negro alçou vôo
(rasgou os véus da inconsciência
penetrou a atmosfera)

Ontem um corvo cortou o céu
baixo
sobre a cabeça.

Não ontem,
agora.

Na berlinda, no entanto, segue outro e soturno e velho e americano. Porque este texto é um percurso, como os outros textos. Pra dizer que andar é com os pés e escrever, com as mãos. Não as duas coisas misturadas numa cabeça sem crânio. E a alusão ao calçamento não é metáfora, mas um argumento sincero. Por isso Pound na berlinda, pra quem conhecimento difere de conhecença, que é reger com o polegar, como Heráclito, Confúcio, o connaisseur avaliando em primeiro plano.

Sobre ele encontrei outro dia o primeiro texto sem paixão sobre a época do fascismo, de 1965, depois de tudo. Fala dos motivos e das seqüências. Taí.[5]

E por outras pedras é possível chegar a uma conclusão óbvia: podemos andar porque há onde pisar. Primeiro um pé, depois o outro, à vista de uma geração literária que ainda se debate pelos Cantos (ao final se verá que por eles é que se toma a sopa). E talvez outra ainda.

O primeiro apoio é a lista cronológica dos Cantos. É possível completá-la.[6]

---

[4] Ponte Souza, in IX Antologia Poética Hélio Pinto Ferreira, Fundação Cultural Cassiano Ricardo, S. José dos Campos, 1994, p. 139.

[5] Refere-se a GOODWIN, K.L. The Influence of Ezra Pound. Oxford Univ. Press, Londres 1966, p. 66-69.

[6] Refere-se à simples ordenação cronológica das edições princeps dos Cantos.

O segundo é um adendo. Trata-se do caso das pedras de Rimini, relatado em EP: Poet as Sculptor; Davie, Donald. R&KP, Londres 1965. Da página 127:

"Adrian Stokes, que encontrou Pound muitas vezes em 1927, 1928 e 1929, em Rapallo e Veneza, escreveu alguns livros que fazem um comentário iluminador, talvez indispensável, aos Cantos. O mais importante deles é The Stones of Rimini (1934). Nele, Stokes trata bastante da derivação do mármore a partir da pedra calcária que, de todas as pedras, é a que tem mais afinidade com o elemento Água. Ele sustenta que grandes escultores em mármore, como Agostino de Duccio, o escultor do Templo de Sigismundo[7], expressa seu material por meio de figuras que dele esculpem; e fazendo assim, tentam (inconscientemente) fazer juz à origem líquida da pedra. Esta fantasia, argumenta, é particularmente comum e potente em Veneza, construída sobre as águas, seu prazer e prosperidade baseados na supremacia naval e comércio marítimo. No Canto 17, para começar, aparece o epíteto para pedra que Stoken costumava utilizar, salt-white".[8]

O problema Mauberley é exposto por Davie assim: "Em 1918, Percy Wyndham Lewis foi para o exército, e Pond continuou uma série de 'cartas imaginárias' com que Lewis vinha contribuindo para The Little Review (...) O suposto autor das cartas é Walter Villerant, um sujeito mais interessante do que agradável: *Sou, com qualificações, malthusiano. Deveria consentir em casar sobre pressão, se estivesse de algum modo convencido da razoabilidade de reproduzir a espécie. Mas meus nervos e os nervos de qualquer mulher com a qual eu pudesse viver por três meses só produziriam uma vítima - bela talvez, mas vítima; exalando a dor aromática dos jasmins, escassa em im-*

---

[7] O original traz a nota: De acordo com John Pope-Hennessy, Italian Renaissance Sculpture, Londres 1958, a maior parte desta escultura é hoje atribuída a Matteo de Pasti.

[8] Este Canto está disponível em português apenas na tradução de Grünewald (Os Cantos, Nova Fronteira: Rio, 1986), que traz "branco salino", um substantivo seguido de adjetivo, enquanto o original apresenta apenas um substantivo. Não se refere à possibilidade de, à maneira de "branco-gelo" e "branco-areia", traduzir o termo para "branco-sal".

pulsos, um mero cordão de discriminações."

(Carta a Mrs. Bland Burn, My dear Lydia)[9]

Na página 94 Villerant declara:

Eu desconfiei deste gosto como sendo de russos; tendo passado anos num país bárbaro não podem esperar que tenha interesse por outro. Tudo de valioso é produto de metrópoles.[10]

"Por sua associação a Yeats, presumivelmente, mas ainda mais por sua correspondência com o patrão iluminado John Quinn em New York, Pound teve contato com os nacionalistas irlandeses em Londres, e especificamente com a intransigente revolucionária Maud Gonne, objeto da paixão desesperançada de Yeats até se casar com John McBride, um dos líderes e mártires do Levante de Dublin em 1916".

Em novembro de 1918, Pound escreveu a Quinn relacionando o fanatismo de Maud Gonne com o de Yeats por fenômenos psíquicos, e diz: ""Conservatrice des traditions milésiennes", as de Gourmont calls them."[11]

O corvo rasga os véus da inconsciência, penetra a atmosfera. O fantasma recém-chegado agora é James Joyce. Em "The Dead", faz referência ao nacionalismo irlandês, citando um levante e apresentando uma revolucionária intransigente. (Talvez este dado desautorize menos ainda refutar o subtítulo já proposto para os versos de número X, de Hugh Selwyn Mauberley: Retrado do Artista quando Velho). Sempre se disse ser Pound um poeta cheio de si e de literatura, mentor, gestor, patrocinador. É verdade. Sem ele teríamos alguns autores a menos em circulação. No entanto, escolhia bem seus favorecidos. Em primeiro lugar, des jeunes, os poetas mais novos, era mister agir com os bons novos poetas como o tradutor com os antigos: pondo-os

---

[9] Ver a tradução de Augusto de Campos (AC) para Drifted... Driffed precipitated, em Campos et alli, Ezra Pound - Poesia, Hucitec/UnB 1983, p. 129.
[10] AC: Este o seu crime-, op.cit., p. 117.
[11] AC p/ XI, op.cit., p. 125.

em circulação. Depois, os diretamente envolvidos com ele em algum movimento, Imagismo, Vorticismo. Deste último apoiou indistintamente poetas, dois músicos, um escultor e um escritor. Joyce jamais pertenceu a nenhum movimento, abandonara a poesia antes de conhecer Pound e gastava muito dinheiro. Pra que financiar suas atividades?

Adentrando um território ainda virgem, pode-se dizer que Joyce foi o mestre mais caro de Pound (qual o santo que está na berlinda?) Por exemplo: a alternância, ou melhor, justaposição de narrativas é o que acontece já no Retrato do Artista quando Jovem. Aliás, o ensaio de Pound sobre Ulysses[12] louva justamente o discorrer dos dialetos urbanos de diversas camadas sociais, como recurso para determinar local e data, sem a descrição balzaquiana do espaço e, portanto, de forma econômica, que é como a língua evolui. E ainda: Dedalus é este recurso aplicado à persona de Browning. Porque houve realmente um Cino Polnesi e um Bertrand de Born. Mas, enquanto aqueles falam na sua época para possibilitar a circulação do seu estilo, Dedalus é a criação que permite criticar a realidade, diretamente, por meio da linguagem que nela é produzida. Dedalus apareceu duas vezes, Joyce morreu sem amigos. Donde as cartas de Villerant são um balão de ensaio para Mauberley e, como já se sabe, este prepara as figuras-fissuras da estrutura múltipla dos Cantos, a poesia se afiando na ficção. Esta assinatura estamos aqui para ler.

Pondo as cartas na mesa: o texto do fascismo mostra o poeta fiel às motivações; a lista dos Cantos, a história; Stokes revela como Pound compõe um mosaico com imagens conquistadas no correr dos séculos; Mauberley é o mosaico das imagens e procedimentos conquistados recentemente. O triângulo se fecha: Pound deve a Joyce a persona crítica do contemporâneo e a linguagem das ruas. E já que desvelamos um uso, aponto outro, ainda inseguro: Ulysses traz diversas citações do Zarathustra no alemão, que não fazem sentido senão contextualizadas, no cotejo com o original; e os trechos de John Adams nos Cantos, não são assim? Tecer o inventário, do berço à cicatriz. Esta, a Aufgabe de quem escreve com os pés, como Poe, como os arcanos.

Isto, flores e velas onde atraca hoje a barca de Caronte.

---

[12] In: POUND, Ezra. A Arte da Poesia; trad. José Paulo Paes/Heloísa Dantas de Lima, Ed. Cultrix, São Paulo 1988.

"DUELO DA EXISTÊNCIA CONTRA A NÃO - EXISTÊNCIA" - Uma leitura de *O Cavaleiro Inexistente*, de Ítalo Calvino

Por Isabel Rodrigues (Graduação/Fale - UFMG)

Certamente, a tarefa de comentar *O Cavaleiro Inexistente* de Italo Calvino - sobretudo quando se é um iniciante em Teoria da Literatura - não é das mais tranqüilas.

Detectar os elementos constituintes da narrativa inquieta tanto quanto o fato de uma pobre, inocente e enclausurada religiosa relatar em minúcias as agruras da vida, as desventuras de cavalaria e cavaleiros, leais a Carlos Magno.

Nesse romance pós-moderno, quem reina absoluta é a **intertextualidade**, não só porque se faz alusão aos "Clássicos e Modernos" da Literatura Mundial, da Filosofia, dentre outras áreas de saber, bem como porque o texto e o contexto se fundem num registro arrojado e surpreendente: a ficção.

A riqueza de recursos estilísticos (inumeráveis) permite ao leitor penetrar nas brumas da Idade Média e deparar-se com o plausível, o fantástico e o verossímil simultaneamente. Como compreender um herói de guerra - bastante antipático, diga-se de passagem - um nobre e bravo cavaleiro em sua impecável armadura branca, imaculada, mas... infelicidade das infelicidades, desprovido de qualquer sinal evidente, carnal, palpável e próprio dos homens que é a constituição física?!

E como lidar com a "monja-pecadora", o medíocre aspirante a cavaleiro, a viúva antropofágica, o bicho-homem-bicho-pedra-homem? Dentre tão distintos personagens, tão intrincada narrativa, um alerta: a sociedade d' *O Cavaleiro Inexistente* é atemporal, ou seja, pertence tanto à Idade Média quanto aos dias atuais, do capitalismo ou do neoliberalismo ou do "nhem-nhem-nhem".

O homem não deixa de ser homem, devorador, guerreiro, sexuado, conquistador, sonhador, impotente, miseravelmente mortal e suscetível a toda sorte de glórias e fracassos. Que venha Carlos Magno com seus exércitos! Travemos um "duelo com o texto ou no texto enquanto campo de batalhas; (...) com o objetivo de dialogar, de interagir e de promover trocas." (Walty, 1992, p. 22)

"SOB AS MURALHAS VERMELHAS DE PARIS PERFILAVA-SE O EXÉRCITO DE FRANÇA"

A França Medieval. Palco de marcos importantes da História Universal. Seus campos, seus castelos, sua gente, seus costumes. Em meio aos acampamentos dos nobres cavaleiros - fiéis combatentes em favor de Carlos Magno -, e dos inimigos infiéis à Igreja Santa-Mãe, das aldeias e bosques, dos conventos e castelos, pelo interior da Europa e outros continentes, por mares nunca dantes navegados... nos mais inusitados lugares, desenrolam-se histórias de amor e ódio, de disciplina e vingança, de perdas e buscas, encontros e desencontros.

Da localidade definida que é Paris até os confins do mundo haverá um moinho de sonhos a mover a história. Nesses ambientes, confrontam-se as histórias particulares das personagens; seus dramas principalmente.

Evidenciam-se as "funções sociais"e seus respectivos conflitos. O cavaleiro ideal está enclausurado em sua própria armadura. É ela que lhe permite o não-ser-sendo. Ela lhe dá forma, mas não conteúdo físico. No entanto, seu aspecto psicológico é latente. Nessa armadura combatem certezas e dúvidas, além dos não- desejos. Tem-se o espaço da "crise existencial"que, se não é corporizada em Agilulfo, o é em irmã Teodora.

Esta última, enclausurada em sua cela num convento. Sabe do mundo " apenas" por sua pouca experiência e pelo mundo que lateja em seus ouvidos, olfato e a limitada visão de sua janela. Também vive num espaço de angústia e de privação/provação, espaço penitencial.

A viúva refugia-se em sua fortaleza e ali realiza seu ritual de sobrevivência. Seu espaço é o espaço do dominador, embora chegue a sucumbir por um breve momento.

Há ainda o espaço do porvir, o espaço a percorrer a fim de encontrar-se, afirmar-se em sua dignidade e existência; ou seria não-

existência? Por vezes, é o espaço mítico-histórico que permite a (auto) localização das personagens, conferindo-lhes suas particularidades, seus traços distintivos enquanto agentes da história geral e de suas próprias vidas. O livro leva o leitor a um mundo que bem seria definido por uma colcha de retalhos - social, político, econômico, mítico, histórico, psicológico entre outros -, onde o fio que permeia toda a trama é o da Idade Média.

"AINDA ERA CONFUSO O ESTADO DAS COISAS NO MUNDO, NO TEMPO REMOTO EM QUE ESTA HISTÓRIA SE PASSA (...)"

Fusão de espaços...fusão de tempos.

A costura dessa colcha, tendo-se como pano de fundo o período medieval, vem revelar uma diversidade de tempos da/na narrativa.

Percebe-se que existe uma marca de contemporaneidade no texto. O tempo histórico, anteriormente delimitado, não sobrepuja aos demais tempos detectados, principalmente os tempos particulares, embora haja uma declarada confusão do estado das coisas. Não é possível, portanto, estabelecer um tempo preciso para a narrativa.

Considere-se o alinhamento, ou melhor, alinhavamento dos fatos: tem-se um tempo histórico, permeado de tempos cronológicos do que é "narrado" e do próprio narrador. Este último, por exemplo, encontra-se sob época de verão ensolarado (69), mas também sob época de penitência (36). São narrados, até mesmo pelas bocas dos personagens, acontecimentos que ocorrem ao longo dos anos, como a desventurosa vida de Torrismundo. Embora pareça que o tempo da narração esteja mais abrangente que o do narrado, ambos têm força, a ponto de se fundirem no final.

São utilizados, com bastante competência, recursos tais como as anacronias a que Nunes faz alusão (NUNES, 1988, p. 31-32). Pausas encontram-se com elipses que, por sua vez, brincam com elisões, "flash-back"e "fast-forward". Todos se emaranhando sem, contudo, invadirem seus espaços próprios, promovendo a transgressão das barreiras entre a narrativa ficcional e a narrativa histórica. A ficção se realiza na história e pela história, com toques do insólito, do fantástico.

"(...) A ARTE DE ESCREVER HISTÓRIAS CONSISTE EM SABER EXTRAIR DAQUELE NADA QUE SE ENTENDEU DA VIDA TODO O

RESTO; MAS, CONCLUÍDA A PÁGINA, RETOMA-SE A VIDA E NOS DAMOS CONTA DE QUE AQUILO QUE SABÍAMOS É REALMENTE NADA."

Que grata surpresa!

Como em *Crônica* de uma morte anunciada (Gabriel Garcia Marquez) tem-se um narrador, ou melhor dizendo, uma narradora preocupada em resgatar a história. Em sua missão de penitenciar-se escrevendo um livro (que se quer poema, que se quer uma espécie de diários), recorre a velhos documentos e até a testemunhos.

No entanto, quão trabalhosa é a sua missão e quão complexa e sutil é a composição da narrativa. Primeiramente, observa-se claramente um narrador **heterodiegético**, ao mesmo tempo com uma **visão por trás e de fora** (Pouillon). Já começa a complicação.

De narrador em terceira pessoa revela-se uma narradora em primeira pessoa (**homodiegético**), mas sem participar da história, e mais, com história própria, paralela àquela que está contando/registrando. Aumenta a complicação.

A verossimilhança conferida à narrativa não está no fato de a narradora estar distante da mesma. Incrivelmente, quanto mais se aproximam, mais se tem a "sensação" da vivacidade do enredo. Este último, aliás, apresenta-se multifacetado, sendo necessária sua demarcação pela própria narradora (99).

À medida que se vai adentrando nas tramas, na saga do cavaleiro sem forma carnal, percebe-se que irmã Teodora é uma narradora incomum. De seus "humildes" conhecimentos sobre o mundo brotam histórias plenas de sangue, honra e paixão. Em sua sina de narrar, ela prende-se à sua angústia, porém na tentativa de libertar-se, de purificar-se. Também estabelece um diálogo com o leitor e com sua própria obra. E mais, é destinatária daquilo que escreve como qualquer outro que possa ter acesso a seus registros. (Ligia Chiapini endoidaria"se reescrevesse *O Foco Narrativo* tomando a obra de Calvino para exemplificação).

A surpresa maior ocorre quando o leitor atento chega ao sétimo capítulo e desconfia que essa narradora está mais envolvida com a trama do que se poderia imaginar(73):

"(...) e gostaria de reduzir a isso também os colegas, aquelas esponjas de Bordeaux e de vantagens, de projetos que voltam ao

passado sem que nunca tenham existido no presente, (...)

Mais do que sempre, essa narradora-personagem, revelando sua saga, vai confirmar-se como personagem na fusão das tramas. A riqueza dos recursos estilísticos utilizados o revelará (e confirmará), principalmente se se atentar para o fato de como seus pensamento são reduzidos, geralmente no início dos capítulos e especificamente no capítulo nove (99-101), em que ocorre um verdadeiro monólogo interior a desnudar a consciência de irmã Teodora.

Por fim, Teodora revela-se Bradamante para surpresa da grande maioria. Os mais perspicazes já o descobriram capítulos antes. À luz de **Santiago** (1989, p.50), ela, com seu olhar sobre o mundo, vislumbra o espetáculo da vida: luz, prazer, alegria, movimento, desejo... Se em sua torre não consegue ver o mundo tal qual se desenrola, pode recorrer ao mundo da imagem sugerida.

Destaca-se aqui Bradamante-Teodora como personagem de peso da narrativa. Todos os demais são considerados também riquíssimos e dignos de uma análise cuidadosa. No entanto, dada a impossibilidade de uma abordagem ampla, concentrar-se-ão os esforços na figura desta religiosa -pecadora-cavaleira.

"DE NARRADORA NO PASSADO, E DO PRESENTE QUE ME TOMAVA A MÃO NOS TRECHOS CONTURBADOS, AQUI ESTÁ, Ó FUTURO, SALTEI NA SELA DE SEU CAVALO. (...) VOCÊ, MEU REINO A SER CONQUISTADO, FUTURO..."

Já disse Antônio Cândido, 1976, p. 53): "o enredo existe através das personagens; as personagens vivem no enredo". Teodora - Bradamante conduz a história e funde-se ao contexto daquilo que narra. Com muita criatividade, os tempos verbais utilizados (misturando presente, pretérito imperfeito e pretérito perfeito do Indicativo), as figuras de duração e uma série de outros recursos fizeram dela uma personagem complexa e múltipla. Personagem que descreve personagens. Personagem que, além dos traços característicos, previsíveis, está sempre pronta a mostrar o inusitado, a fazer-se, inesperadamente. Afinal, Teodora constrói a si mesma enquanto constrói Bradamante e, posteriormente, revela-se nela.

Ela constitui o que Foster (**Brait**, 1985, p. 41) chamaria de personagem **redonda**, ou seja, dinâmica, multifacetada, capaz de surpreender o leitor - aliás, como quase todas as outras personagens

em questão - por conter a "imprevisibilidade"da vida. Ela também traz em si toda a saga de (auto) identificação por que passam os protagonistas da história: ela mesma, Rambaldo e Agilulfo. Questiona e questiona-se. Sonha, sente, busca. Conduz a trama, o que pode ser (magnificamente) observado quando, em sua proposta de escrever um livro, em determinado momento, traça os rumos de seus próprios personagens, e as setas e desenhos feitos no papel ganham força e expressão tais que passam a, aparentemente, conduzir os acontecimentos (102).

Ao contrário do que se afirma - de que naquela época a mulher não falava, não tinha vez, não era "agente do processo" - Teodora-Bradamante está à frente do seus e é o motor maior dessa história.

"(...) A PÁGINA SÓ TEM O SEU BEM QUANDO É VIRADA E HÁ A VIDA POR TRÁS QUE IMPULSIONA E DESORDENA TODAS AS FOLHAS DO LIVRO. A PENA CORRE PELO MESMO PRAZER QUE NOS FAZ CORRER PELAS ESTRADAS (...)"

Após duelar com a obra de Italo Calvino, percebeu-se como é latente a questão da busca de identidade a permear toda a narrativa: na figura de Torrismundo, Rambaldo, Agilulfo e, principalmente, Bradamante. De maneira mais sutil em Priscila. Curiosamente, a origem (e o fim) de tudo é Gurdulu-Omobó-Grau Picasso: ele é o personagem de sempre, atemporal, em qualquer lugar. "Viemos do pó e ao pó voltaremos", o que perfaz assunto para um outro trabalho.

Com humor, ironia, agilidade, criou-se um texto múltiplo, ao mesmo tempo que uno. A questão da identidade é uma questão universal que vem atravessando, respectivamente, os séculos da existência humana. Calvino transportou-a para uma obra de reconhecido valor, que cativa ao mesmo tempo que é instigante.

Bibliografia de apoio

1) BRAIT, Beth. A Personagem. SP: Ática, 1985, 2a ed.

2) CÂNDIDO, Antônio. "A personagem do romance", In_____, et al. A personagem de ficção. SP: Perspectiva, 1976. 5a ed., pp. 53-73.

3) CHIAPPINI, Ligia. O Foco Narrativo. SP: Ática, 1993, 6a ed.

4) NUNES, Sebastião. *O Tempo na Narrativa*. Sp: Ática, 1988.

5 SANTIAGO, Silviano. "O narrador pós-moderno", In: Nas malhas da letra. SP: Companhia das Letras, 1989, pp 38-52.

6) Walty, Ivete. "A literatura de ficção ou a ficção da literatura?" In: Teoria da Literatura na Escola. BH/UFMG/FALE - Depto. De Semiótica e Teoria da Literatura, 1992, pp. 18-27.

7) WALTY, Ivete & MENDES, Nancy. "Espaços e Espaços".

*****

ESTRUTURALISMO E SEMIOTICA

Prof. Dr. Luiz Claudio Vieira de Oliveira

São inegáveis os méritos do estruturalismo na análise\abordagem do texto literário. Veio substituir um punhado de impressões e intuições pela proposta de um método que, através da observação profunda do texto, possibilitasse a construção de um jogo de semelhanças e oposições, na detecção de algoritmos e de proporções, trazendo, para a análise, a sensação de cientificidade e, para o analista, a certeza de se ter chegado à estrutura final do texto. Somos, os alunos de letras do final do anos sessenta e os iniciantes do curso de pós-graduação em Literatura Brasileira da Faculdade de Letras da UFMG, na década de sessenta, praticantes dos estruturalismos derramados sobre nós. Não havia como deixar de "ser" estruturalista ou de aplicar o método estruturalista, principalmente aquele advindo da Antropologia de Lévy-Strauss, cuja força metodológica se irradiou por outros teóricos iguais e indistintamente consumidos por nós, ávidos pela cientificidade no trato com o texto literário. O livro de Costa Lima, **Estruturalismo e Teoria da Literatura**, funcionava como o deglutidor da teoria estruturalista de então, sendo também devorado com avidez por todos, alunos e professores que criam no aparato científico do método estruturalista, amparado pela Implantação da Teoria da Literatura nos cursos de letras. Sua proposta, baseada no obra de Roman Ingarden, representava a preocupação com a imanência do texto, com a verificação de seus estratos, com a análise de seu conteúdo de uma forma sistemática. Paralelamente, fomos iniciados ao New Criticism através da obra de René Wellek e Austin Warren que, se hoje parece carregar alguns defeitos, era uma escapatória do método histórico/ comparativo empregado até então na lingüística, na literatura, na história e nas demais manifestações das ciências humanas. Esse método era o responsável pela forma como se estudava a literatura: ou se voltando para o biografismo e seu

anedotário, ou se empregando o comparativismo, visto apenas como uma rede de influências e de débitos entre obras e literaturas, ou se praticando a estilística, na verdade um rol de procedimentos comuns às obras de um autor ou de autores. Apesar de tudo, a Estilística constituiu-se como uma preparação de terreno para o Estruturalismo, no sentido específico de preocupar-se apenas com o texto.

A aplicação do método estruturalista, aqui e alhures, deu lugar a exageros, tais como os apontados por Osman Lins em **Problemas inculturais brasileiros**, levando a esquematizações simplistas do texto literário e sua redução a meia dúzia de frações e de equações. Quem não se lembra do célebre "está para"? No entanto, acima de tudo isso, prevaleceu a determinação de se trabalhar com o texto e, nele, de se ultrapassar o nível puramente sintagmático e se chegar à estrutura profunda e seus mecanismos combinatórios. Para tanto, as teorias advindas da lingüística saussureana, do marxismo althusseriano, da antropologia de Lévy-Strauss e da psicanálise de Freud e Lacan, da semiologia incipiente de Roland Barthes, — e todos e de muitos mais apenas rotulados de estruturalistas,— propunham uma metodologia comum ou, melhor dizendo, com muitos pontos em comum e, mais do que isso, uma ruptura com o saber até então praticado.

Procedeu-se a uma desconstrução do logocentrismo ocidental, europeu, branco e cristão. Não importa, como afirma Roberto Schwarz, que, na prática, a teoria tenha sido outra e que a praxis quotidiana nos faça permanecer na condição de dependentes. O que conta é que, pela primeira vez em séculos, de forma sistemática e ampla , pôde-se pensar o outro, sob todas as suas formas, e pôde-se pensar a relação de dependência, a noção de outro, de periferia, de influência, de original e de cópia. Fato fundamental para nós que, até hoje, balançamos entre o "macaquear a sintaxe lusíada"e a deglutição de Cooks e Sardinhas, sem sermos índios ou europeus. Melhor, sendo um ou outro, mas apenas no momento conveniente.

O contexto histórico do pós-guerra, com sua guerra fria e sua política maniqueísta entre bons e maus, ajudou a esfacelar não só a já questionada noção de centro e a de sujeito, a ele atrelada, como também o logocentrismo e etnocentrismo, na medida mesmo do avanço da modernidade e do aperfeiçoamento dos meios de comunicação. Não há contexto monolítico que resista à exposição de suas contradições. Se a hegemonia econômica persite ainda hoje, sob diferentes denominações, a hegemonia cultural pôde ser repensada,

dando ensejo à valorização das culturas locais e à revisão de sua relação com a cultura hegemônica. Mais recentemente, em cada cultura, seja pela escola, seja pelo aparelho cultural como um todo, fez-se a revisão desse modelo pela proliferação de culturas menores e incoercitíveis. É, por exemplo, o caso do Brasil urbano, em que as culturas periféricas desconhecem a cultura oficial, centrada. Coube ao Estruturalismo, como uma combinatória da metodologia das diversas ciências - Lingüística, Psicanálise, Marxismo, Filosofia, Antropologia - refletir as contradições do modelo e fazê-lo balançar, a nível mundial, desencadeando um processo de relativização sem precedentes. O Estruturalismo pensou filosófica e conceitualmente aquilo que, pelo acirramento da tensão, veio a acontecer. Chegada a seu limite, a tensão para manutenção do centro não pôde mais manter-se e seu afrouxamento trouxe a proliferação de centros e a perda, ainda que relativa, das hegemonias.

Esta perda do centro e do caráter absolutista das organizações políticas, econômicas e culturais abre caminho para a Semiótica. Mas o percurso não é tranqüilo. Ainda que o Estruturalismo seja o "responsável", no sentido de ter sido o pensamento que deu expressão ao esfacelamento do Logos ocidental, pelo processo de descentramento e de reconhecimento do outro, o Estruturalismo não resistiu às ilusões do absolutismo, do idealismo, e tentou criar o seu deus particular, o seu próprio centro.

Num artigo famoso, Roland Barthes diz da enorme quantidade das narrativas. "Inumeráveis são as narrativas", diz ele. E a pretensão estruturalista, naquele momento, era criar uma estrutura em que coubessem todas as narrativas do mundo - passadas, presentes e futuras. Ainda estava presente a tentativa de Propp e seu modelo para a análise dos contos de fadas, assim como o modelo de análise mítica de Lévy-Strauss, em que as narrativas apareciam como variantes umas das outras e, como tais, passíveis de serem colocadas, todas elas, num único modelo ou estrutura. Essa tentativa idealista de prover às narrativas uma origem única, indicando o débito estruturalista em relação à filosofia do século passado, levou, de um lado, à repensagem do modelo estruturalista e, de outro, à proposição de uma nova forma de se pensar o texto e a cultura: a semiótica.

Não cabem nos limites dessa exposição todas as implicações e interrelações dessa mudança que não ocorre de maneira automática ou datada. Na verdade, o germe da Semiótica está presente tanto no Círculo Lingüístico de Praga, de Moscou, na atuação dos estru-

turalistas de vária origem, no pensamento tardiamente divulgado de Bakhtin, na filosofia de Peirce, na proposta de bricolagem de Lévy-Strauss, criador, **avant la lettre**, da intertextualidade, quanto na obra de pensadores mais antigos como João Poinsot e John Locke, citados como precursores por John Deely e outros.

Enquanto o Estruturalismo pensa as variantes de um texto como as cartas de um baralho que podem ser agrupadas em unidades maiores e sucessivas, à semelhança do que Saussure estabelece para os fonemas e as palavras, a Semiótica pensa as variantes como variantes, isto é, como transformações autônomas do texto anterior, visto como um signo. Cada variante é, pois, um signo que é sempre uma remissão a e uma transformação de outro signo. Este processo de transformação e remissão é um aprofundamento do descentramento estruturalista e sua radicalização. Nesse processo perde-se de vez a noção de centro e instaura-se o jogo em que cada signo já é a referência a outro e, por sua vez, só pode ser apreendido por um novo signo. É um processo que implica em perda e ganho, pois todo signo é diferente daquele a que se refere, só o explicando parcialmente. Apesar das diferenças, é a mesma a proposta feita por Kristeva, tendo em vista a Semiologia, e a feita por Peirce, a propósito da Semiótica.

Pode-se dizer que a Semiótica acentua e aprofunda o caminho aberto pelo estruturalismo, radicalizando-o. A Semiótica só se torna pensável a partir da experiência estruturalista, das descobertas saussureanas e da posterior irradiação do modelo lingüistico a outras áreas do conhecimento. A radicalização semiótica não pressupõe apenas a aplicação e a generalização de normas derivadas da análise da linguagem, como ocorreu com o Estruturalismo, mas a consideração do caráter sígnico de todo e qualquer objeto e da possibilidade de existência de códigos organizados diferentemente dos padrões descobertos para a língua. Estruturalismo e Semiótica não se opõem: ao contrário, complementam-se.As afinidades entre eles são maiores do que fazem supor as aparentes divergências.. Ambos são tentativas de apreender e desvendar o maior de todos os signos: o homem.

RL

revista literária

RESENHA

Em vinte e seis concursos, a estatística da RL está assim:

ESTATÍSTICA RL				
ANOS	ESTUDANTES	TRABALHOS RECEBIDOS		
		CONTOS	POEMAS	TOTAL
1966	61	18	198	255
1967	102	57	146	164
1968	46	38	131	169
1969	121	76	265	341
1970	105	131	221	352
1971	161	68	257	325
1972	123	118	231	349
1973	199	144	238	382
1974	269	172	478	650
1975	92	96	230	326
1976	76	57	275	332
1977	140	108	515	623
1978	77	54	295	340
1979	123	90	560	650
1980	185	159	720	897
1981	126	84	530	614
1982	123	54	545	599
1983	107	80	403	483
1986	96	30	429	459
1987	66	52	240	292
1988	139	75	585	660
1989	159	95	643	738
1990	158	97	648	745
1991	202	109	849	958
1993	205	113	799	919
1995	246	153	995	1148
TOTAL	3507	2348	11426	13761

26 CONCURSO DE CONTOS E POEMAS - 1995

A relação dos trabalhos recebidos com os respectivos pseudônimos é a seguinte:

CONTOS

Nº -	TÍTULO	PSEUDÔNIMO
01 -	O tempo O pequeno homem Domingo	ALOIS QUESNAY
02 -	História de fantasma Inocência Artigo 355.7	ANTÔNIA
03 -	O frescor daquela manhã Dona Geralda A mamãe não está	ALICE VENTURA
04 -	Ilações sobre a perspicácia Memórias de um casamento Convite	A. RODRIGUES
05 -	A morte nada mais é que o fim da vida A morte do açougueiro Eros Scotch Bar	AL
06 -	Querida Montanhas Sozinha	AQUARELAS
07 -	Venci !!! Foi quase um beijo Atlético 0 x Cruzeiro 0	ARQUIMEDES BOAVENTURA

08 -	Maria Antônia Vó O rescenseador	ANE VIEGAS
09 -	Sirena dos ares O entardecer dos olhos Cães de areia	BOITO
10 -	Acesso d'Eut Ammo O que bole por dentro Tempo de estio	BRANCALEONE
11 -	O fio da memória Os milhões do velho moribundo A fração encantada	CHARLOTE ESTEPHÂNIA
12 -	Uma das primeiras versões da verdadeira história de Ilma Rogério O conto que utilizou a mulher para desmascarar o narrador Oração do inconsciente moderno	CAROLYNE DE MONTE SANTO
13 -	Reminiscências A cortina de fumaça Solilóquio	CAURUBUSCO JONES
14 -	Sem título Pano de fundo Dos gatos	CIRCE
15 -	O crime de Manoel O suplício de Midasp O menino e soldado	COMANDANTE MARCOS
16 -	A relembrança Um dia na avenida Tecnologia	DARIO BASCO
17 -	Duelo Uma estória sem tempo Sem título	DINHA

18 -	Numa sala de professoras Aqueles incríveis olhos negros Retrato falado	EROS II
19 -	Peixinho de aquário João das Dores Lobo e vampiros	EVERALDO SILVA COSTA
20 -	A infértil recompensa por tão profundo escárnioq E quanto a mim, que esperava algo mais de todos nós A deixa dos albatrozes	FERDINANDO ALVES
21 -	Pina Alongando o dia Padre Dão	FRITZ NELLYTITO
22 -	Feliz aniversário, tio Scrooge! Moisés Flores?	GILDA
23 -	A terra treme Boneca de trapo Zé do baile	GABRIEL ANJOS
24 -	O mar não tá pra peixe Abra cadabra Informamos que ...	GABRIEL AZEVEDO
25 -	Minas, Texas Bolero Nada consta	GABRIEL CHAVES
26 -	Um conto de natal Capítulo Gotham Scene Filó	GARABINI
27 -	Olga Nua em pelo O jardim dos girassóis ou até mais tarde Alice	GATO DO MATO

28 -	Disse que diz quem falou História urbana ou Folhetim Trivial	HECTOR QUALQUER
29 -	A primeira mestra Penetrando pelo pórtico do insólito A transformação de um ser	HERCULANO HEALLEY
30 -	U'a pra mim... outra p'rocê Que chuva, hein ? Futebol é coisa de homem	ÍCARO
31 -	Abel e Caim Antes da Galeria Inverno O juiz que roubou o martelo do tribunal	JULIETA DOS ESPÍRITOS
32 -	A mulher que perdeu a cabeça O último minuto Olhar diluído	LETÍCIA
33 -	Iolanda Alberto Mirna	LEUGAR
34 -	Cinqüentão Pizza transcendental O livro de capa dura	LOLITA RODRIGUES
35 -	Touro plantado A decisão de Aline Caixa preta	LUFT
36 -	Noite infernal Encontro acidental Pacote de poemas	LUNAT
37 -	A chave mestra Para que não me traias Nelma	MARMOR

38 - O ovo — NIKOLA KRIVONÓSSOVITCH
Uma noite sem precedentes
Um dia incomum de encontros e inquietação

39 - Lua de mel em Havana — OTELO
Carta de amor à Maria
Pedido de casamento

40 - Um anjo no armário — SIR BINHAS FOLES
De cachaça a água-benta
O de sempre

41 - Fuga — STAEL
O dia em que Mariana se consumiu em chamas
Interpretações subjetivas de realidades abstratas

42 - O gatinho atleticano — SYLVIA
As diversas formas de amar
O rei que não sabia amar

43 - A última de Mário — TOTÓ PARADISO
THE Billie Holliday songbook
A voz da lua

44 - Remotas melodias — WALMAR ANTUNES
O coletivo
No mundo das máscaras

45 - O quarto (vovó & tigre) — VANDRÉ HENRIQUE FELINTO BOARTE
Alice
Daniel na cova dos leões

46 - Mail friend — WILLY
Neovirtuais
Cinema mudo

47 - Em linhas gerais — WOLWERINE
Amor gato
Ecos

48 -	Inventário Um ritual em quatro atos Alquimia de amor calado	ZÉFIRO
49 -	Burilando o paraíso Ponto de refeência Paixões congeladas	ZOHAR
50 -	As laranjas que me perseguem Canis lupus noturnus O homo shopping	ZULTÊNIO DEVANIR DAS CHAGAS

POEMAS

Nº-	TÍTULO	PSEUDÔNIMO
01-	Milagres Saudades Arrependimentos Tremores Vidas	ABSALOM
02 -	Sem título O mistério do amor é o maior de todos Ser eu Modelagem Diálogo como outro qualquer	ÁGUA
03 -	Amor Narrativa Paráfrase Carta Água	AKIRA
04 -	Necessária utopia ou tributo a Thiago Corpo América Caduca geografia do meu país	AL ANDALUZ

	Diário de guerrilha	
	Último aparelho	
05 -	Gritos	ALBERTO
	Golpes de florete	
	Um grito de gol	
	Fragmentos	
	Minas, morena mulher	
06 -	De passagem	ALEANDRO SOARES
	Quem és?	
	Fascínio	
	A noite nua	
	Lirismo	
07 -	Cegueira piche	ALÊNDEA
	História	
	Ficção	
	Mitologia	
	Tempo	
08 -	Sem título I, II, III, IV E V	ALEXA
09 -	Sem título I e II	ALOIS QUESNAY
	O velho na praça	
	Inspiração	
	Consciência	
10 -	Páginas em branco	AMAURI
	Qual é a lógica	
	Filosofia do nada	
	Foi-se	
	Essência	
11 -	Diva ou Davi	AMIL
	Sonhos	
	A vida assim	
	Rotina	
	Caminho	
12 -	Amor	ANA

Quadrilha
Vigília
Partilha
Escriturritura ou amor II

13 - Soneto de um caroço de pitanga — ANABEL
Pra buscar o meio
Soneto
Soneto do cair do jasmim
Soneto a uma flor azul

14 - O sétimo círculo da felicidade I, II, III, IV E V

15 - Euísmo I, II, III, IV E V — ANDREI RUBLEV

16 - Natureza — ANE VIEGAS
O viaduto
À Nhinhinha do Rosa
O futuro
Sem ponto final

17 - Mutantes — ÂNGELA CLARA
O homem
Amores
Andanças no mundo interior
Ressurge

18 - Corrosão concêntrica — ÂNGELO NERO
Sara
O sapo
Beijos e bocas
Amor em círculo
Encontro dos perdidos

19 - Cada múica — ANJO 45
Poesia como filhos
Baila bailar
Desditado

Olhares

20 -	Soneto de amizade Soneto perdão Saudade P-lo Divagar devagar	ANTARES
21 -	Comemorativo dos meus 31 anos Poemeto insone Bem-te-ouvi Eu outro Chuva que só eu vi	ARISTÓTELES TRAMONTINO
22 -	Madrugada Manhã Meio dia Tarde Noite	ARQUITEXTO
23 -	Um poema de amor Lágrimas Do outro lado de mim Indecisão Só você	AURO
24 -	Por alguém A quem chegar primeiro Simplesmente por quê? Tentativa de suicídio Só viver	AURO
25 -	Soalheiro Aliens Bicho Texto Siesta dos espíritos Extra-vacância	AZZA M.
26 -	Lição Iniciação Ato predatório	BÁRBARA ARARIPE

	Inefável	
	Talvez uma marca	
27 -	Um poema para Adélia	BALTAZAR
	Existência	
	Desolação	
	Sem título I e II	
28 -	Discurso sincero	BARATA
	Sem título I, II, III, E IV	
29 -	Uma tarde	BARROCO
	Insana felicidade	
	Descobrimentos	
	Arabescos de crisântemos	
	Soneto do desespero total	
30 -	Calçada de interior	BENEDITA PALHARES
	Brisa	
	Quintana	
	Ser em movimento	
	Uberaba	
31 -	Exercício da vertigem	BERNHARD ALBRECHT
	Bolero	
	Vinte e quatro quadros por segundo	
	Das águas que sabem de março	
	A estrutura do dia	
32 -	O enterrado vivo	BILLY TALBOT
	Lembrança boa	
	Blues # 2	
	Dias estranhos	
	Deleatur	
33 -	Sonhar	BIÉ
	Aquisição	
	Há pouco ela estava aqui	
	Música	
	Cidade de Minas	

34 -	Carta de uma criança Em vão ? O que aquela estrela me trouxe O que me resta agora ? Soneto invertido	BLANCHE KENNEDY
35 -	Sem título I, II, III, IV e V	BLOOM
36 -	Argumento Argumentum Ilhas de Batacan Hai-cais diversos	BORA-BORA
37 -	Passivo Krónos Um pouco sobre o amor Achado Ruas	BRAVIN
38 -	"The end" do cinema Poesia da poesia Vela Festival de inverno Minha mãe ausente	CACRIS
39 -	Sem título I, II, III, IV e V	CÃMIS
40 -	Divina pastora O meu amor foi pro céu Flor dos meus desejos Bailarina dos meus sonhos	CARLOS COSTA
41 -	O capitão Tornado Ouro de touro Saudades O caso do corpo	CATULO

Cinzas de palha

42 - Porquê
Um pequeno entrevero
A garganta
Três cestos de frutos podres
De momento

CÍCERO DUARTE

43 - Confusão
Por quês
A casa velha
Suspensão
Desaguamento

CÍCERO PAMPA

44 - Simbiose
Pão
Ossos do ofício
Incertas viações
O olhar das crianças

CUNHA BRANDÃO

45 - Angústia de viver
Homenagem a Tiradentes
Semana Santa
Morte do menino do Rio
Tempo de véspera

CLARA FROES

46 - Sem nome I, II, e III
Ato implacável
Ao mar

CLEIS

47 - Problemas
Pedaço de instantes
Não passe sem mim
Nas entrelinhas
Vivência

CLIVAGEM OXIDATIVA

48 - A terceira idade
Autopsicodrama
Depressão
Lírica vida

DANIEL BELLO VALLE

Tudo na vida é paixão

49 - Chuva — D'ARC
Saída
Máscaras
Pecado
Mãos

50 - Sem título I, II, III, IV e V — DEUTEROESSÊNCIA

51 - Atroz — DINHA MARQUES
Canto ao desencanto
Gestação
Gota
Mais valia

52 - Bio-lógica — DINI LAMARCI
Mal necessário
Riscos
On-off
Teoria de nós

53 - Passagens I, II, III, IV e V — DIOGO CÃO

54 - As "as" as — DIOLHIOLÁ
Sem título I, II e III
A completa verdade sobre o poema anterior

55 - Ao abate — DIRCEU
A verdade sua
O errante perdido
Aborto acusatório
Auto de fé

56 - Poema do breve amor — DORA DORALINA
À Dora
Olaria
Angústia
O ser e o ter

57 - Fractais I, II, III, IV e V — DOROTHY

58 -	Poema em mim maior	DU-DO Mae Brown
59 -	O esperado acaso	EDBERTO
	Teratoamor	CALIXTO
	Calafrio	
	Revelação I	
	Revelação II	
60 -	Pequena guerra	EDWALDO
	O terceiro amante	
	As crianças	
	O repórter	
	Objeto	
61 -	Sem título I, II,, III, IV e V	EMI SOUZA
62 -	Melhor sem elas	ENCRENCA DA LUA
	Pá e chão	
	Antítese	
	entre o ouvir e o enxergar	
	Amor pós-moderno	
63 -	Reflexos	ERATÔ
	In'utilitários	
	Procura-se	
	Medit'ação	
	Teimo osΣia	
	In'transponível	
64 -	Pauta I	ESPERANÇA
	Corredor	
	Intecepto (conto urbano)	
	Fotograma	
	Oferenda	
65 -	Desfecho	ESTEFÂNIO DAS DORES
	Ciranda	
	Uma rosa para Cecília	
	Crônica	

	Miniatura	
66 -	O anjo Bom menino Folhedo Ding-dong Seu Tião	EUGÊNIA ZILLER
67 -	Sem título I, II, III, IV e IV	FADA
68 -	Saldo Babel Antes da batalha Objeto Aprendizado	FÉLIZ
69 -	Nossos filhos Soneto de amor sem remissivas Ao acordar Minha flor Prece em favor da flor	FLORES CIPRESTE
70 -	Poetando Palavra Signo Cada palavra Poesia guerrilheira	FRITZ NELLLYTITO
71 -	O sexo dos anjos I, II, III, IV ,V, VI, VII, VIII, IX e X	GABRIEL
72 -	Sem nome I, II,, III, IV e V	GABRIEL CHAVES
3 -	Diet Titub Varal Pedra de ó Canção de ninar	GARABINI
74 -	O estranho	GESHER

	Das palavras Lunar Recortes Manhã Do tempo	
75 -	Sem nome I, II, III, IV e V	GUGUI
76 -	Boêmia Riacho Cenestesia Ladeira Suave vôo	GUS BISMON
77 -	A chuva nas ladeiras de Ouro Preto Bandeira Bodas de ouro Aquisição Pivete	GUSTAVO GASPAR
78 -	Fúnebre endecha Liberdade animal Posse Quadro de um pintor falecido Segundas intenções	GUY LEITE
79 -	Para você Poeminha a um jovem médico Relutantemente Manto O (zero)	HANNA KRICFALLUSI
80 -	Universo em desencanto A estatueta Moça Juramento Sensual love	HEITOR DE ALENCAR

81 -	Sem título I, II, III, IV e V	HELENA
82 -	Exercício do fazer Pontos de mutação Riquezas secretas Os patriarcas A espera	HELGA FAUZI
83 -	Irei A dasca Seguindo a estrela Perdoando-me a mim mesmo Abertura	HERCULANO HEALLEY
84 -	Exílio O diálogo A armadura A transparência Sem título	HUAN
85 -	Velho profeta Será necessário ... Horas sem ti Inútil espera Sagrada chama	
86 -	O malandro e a saia Pálida greve negra Ainda Beijo do descobrimento Moça	IÁ INÁ IAMERÃ
87 -	Mesmice O contraste Túmulo Só a pessoa Festa de aniversário	ÍCARO
88 -	Metamorfose À deriva Vítima ?	INÁCIO

	O cão e a virgem A teoria do romance	
89 -	Alforria Barraventa Os dias Espelho Laços	ÍSIS
90 -	Momento de devaneio Como uma árvore A tristeza e a alegria Os sonhos mudam Desvanecimento	IZA LECARTER
91 -	Sem título A navegação da colônia A lanterna Gratidão O lobo e o cordeiro	JOÃO DA FONTE
92 -	O propósito dos anjos Referência aos quatro elementos Um grito de adeus Sentir viver Homenagem ao sol	J. LEONARDO
93 -	Tua presença Tua espera A dor do poeta Eterna batalha Amiga	JOSÉ DE ARIMATÉIA
94 -	Você Deus Editora-Tempo Epopéia sem casta Do tudo ao nada	JOSEFA CEMINA LIMA
95 -	Amor Vidro	JOSÉ MONSUETO

O estilo
G m7 (sol sustenido menor com sétima)

96 - Sem título I, II, III, IV e V — JOSÉ MORTÁGUA

97 - Sem nome — JUCA
Cansei de procurar poesia
Brincando com Quintana
Sem nome

98 - Meu amor — KARLA MARQUES
Se preste
Soneto enamorado
Soneto de primavera
Faxina

99 - O cio da lua cheia — KOBAYASHI MARU
Moratória
Amor posto
Setembro
Bula

100- Sem rima (os dias do poeta) — KRIKA
Esboço (procura-se o poeta)
Rio tempo (o tempo do poeta)
Reciclagem (o poeta e o vento)
Quase nada (visões do poeta)

101- Sem título I, II, III, IV e V — LATAISSÊNCIA

102- Abstratamente só — LÊ ANTUNES
Cidade feroz
Retorno
Tudo que me deixa em paz
Você

103- Mão — LEDA OJUARA
A boca da mão
Ser
" ... ... "

Impar

104-	Meu filhinho O menino cancioneiro Menino de rua Borboletas azuis Na estrada que passei	LEO DE SOUZA LIMA
105-	Um gole de satisfação Desenhos Um dia sem sal Os cadarços desamarrados Dois mais um	LEONARDO JOTAGÊ
106-	Palavras Madona Renata Brasil Teatro Anjos estrangeiros	LEONE
107-	Mudanças Manifestação Edificações (em dois fundamentos) Expressão Yaveh	LEONEL DE SOUZA
108-	Sem título I, II, III e IV Feliz aniversário	LÍDIA
109-	Liberdade Situações Momentos Vida Verdades	LOUIS AMAM
110-	Musa muita Criatura-amor Nuclear Eu você	LOUIS LANE

Carnavalesco

111- Dionisíaco — LU
Alma doendo
Noite de chuva
Mal-ditas madrugadas
Rasteiras & fundda

112- Poema de nove faces — LUAU
Progresso
A vida parou? ou fui eu que ficou imóvel?
Pela paixão ao ato
Hermenêutica do amor

113- Águas da paixão — LUCA AMADE
Amor
Dor
Maria Marta
Querer

114- Sem anestesia — LUCAS DE NATÁLIA
Cartilha
Última chance
Pretexto
Hidrografia

115- Pela janela — LUCKOR
Para as crianças
A estória de Kirlian Gate
Homens divinos
Quando os deuses forem modernos

116- Morte na chuva — LUHEN ASGAR
O peregrino da noite
Nyet
Arqueologia
Os gatos

117- Aviso na entrada do cinema — LUMIÈRE
Asas do desejo
Leitmotiv

	Origami	
	Vidarte	
118-	Águia	LUPCIANO RODRIGUES
	Cartaz	
	Documento de uma permutação	
	Fome	
	Levante	
119-	Revolta	LUZ
	Oração da noite	
	Utopia	
	Mundo mágico	
	Lágrimas da sabedoria	
120-	Sem título I, II, III, IV e V	MAL
121-	Cantiga de Hipólito	Mme. DU DEFFAND
	Cantiga do Cavaleiro	
	Cantiga para Perceval	
	Cantiga para Lancelot	
	Barcarola	
122-	Sigma	MARCO VINÍCIO
	Silêncio	
	Meu amor não passa	
	Mudança	
	Ensaio	
123 -	Canção	MARIA DE CARVALHO
	Confissão	
	Pedido	
	Estribilho	
	Em passagem	
124 -	Desenho em técnica mista	MARIA TRISTÃO
	Mão sensitiva	
	Cenário moderno	
	Sonhos são tantos	

Esperança

125 - Cinzas — MARYBLUE
Inútil
O espelho
Corpo
Natureza morta

126 - Por uma sociedade justa — MAURELISTO
O poeta ao redor do mundo
Aprendendo a voar
Moça séria
A árvore dos poemas

127 - Soneto lento — MAURÍCIO DUARTE
Soneto da escravidão do rei
Soneto para a mulher que dorme
Soneto da solidão enfim identificada
Soneto para a mulher que pede tempo

128 - Dos primeiros escritos — MAZOMBO
Da lição da pedra
Da reflexão
Do calar de vozes
Da mordaça

129 - Cabeças siamesas — MELQUIADES
O masturbador
A morte desejada
Sem título I e II

130 - Viver é ... — MICHEL SANTOS
Aconchego
Boêmio, eterno boêmio
O cacto e o peregrino
Anjo caído

131 - De olho no aquário — MIMITA
Outono
Que tempo que o tempo tem?

	Quaresmeira	
	A minha casa	
132 -	Viajantes I, II, III, IV e V	MINOTAURE
133 -	Olhares	MOON
	Lágrima	
	Encontro	
	Momento	
	Tua lembrança	
134 -	Sem título I, II, III, IV e V	MONTENEGRO
135 -	Dos tópicos do mar I, II, III, IV e V	MORGANA
136 -	Louvores	MOTHER
	Solidão	
	Luz	
	Louca mulher solitária	
	Ego	
137 -	Brincadeira	MSJ
	Lua de São Jorge	
	Travessão, travesseiro, tradição	
	Mar de sertão	
	Estudante devoto	
138 -	Êxtase	N. MARINHO
	Lágrimas na chuva	
	A morte dos sinos	
	Bem-te-vi	
	Pérola	
139 -	Nunquitudes I, II, III, IV e V	NEVERNESS
140 -	Cosmópolis	NICANOR REYNA MARQUEZ
	Ela	
	Raíssa	
	Rua	
	Neste daqueles	
142 -	Réquien para a ressurreição	O ESTRANGEIRO

I, II, III,IV E V

143 -	Coisas da vida O ciso do amor O cupido Sobre a paixão Uma gota sobre o amor	ORLANDO
144 -	"Seu"jardineiro Estrada nua Entre a flor e o botão O terreiro Arte	O SONHADOR
145 -	Domínio poético Evolução de branca História da carochinha Rio sem Tom Tecnologia	PABLO PRADO
146 -	Desdiário A ilha Achados e perdidos Escurecido Resquícios de uma imagem suicida	PAULO DE ANDRADE
147 -	Tomates e repolhos Amor Vitral de sangue E quanto a mim enquanto nós ? Réquiem	PAULO MAIA
148 -	Estampa de cupido Estampa de notas musicais Estampa de pessoas esperando Estampa de tiras de filmes Estampa com cruzes e lápides	PERSISCANTE MAIORC.
149 -	Sombras Para o ocaso "AAAAAR"	PETRÔNIO GUIMARÃES FREIRE

	Por mais distante	
	à sombra de um jequitibá	
150 -	Disfarce	PITANGA
	Fuga	
	Aparências	
	Depois das seis	
	Entre-linhas	
151 -	In-natura	POE XTASE
	Noite silenciosa	
	Poema urbano	
	Eu	
	Solidão	
152 -	Sem título I, II, III, IV e V	POETIC COMPUTER
153 -	Sem título I, II III, IV e V	POITES
154 -	O Jó de todos nós	PROFETA
	Saul no deserto	
	Davi contra si mesmo	
	O texto de Samuel	
	O trigo, a colheita, Rute	
155 -	Inexistencialismo	PSEUDÔNIMO
	Cor rosa	
	Confissão	
	Mesmo	
	Terra	
156 -	Êxodo	QUASAR
	Legado	
	Sem inspiração	
	Libido	
	Gerúndio	
157 -	Confissão	RAÇA BRASIL
	Elétrica	
	Destino	
	Mundo	

Sejamos nós

158 - Hipotaxe — RED
Pulsar
Hum !
Poesia
Sem hora

159 - Portrait — RED
Andante
Sísifo
Severino
Canção da guerra

160 - O cansaço
Cancro mole
Mitologia
Segundo vento
Mitologia II

161 - O mundo visto pelo avesso
Libertas que já foste tamen
Poema-conclusão
Lembranças
Minha amada poesia

162 - Pequenas reflexivas — RUANO D'ESCALA
Eclética
Saudade do que não tenho
Morto na rua do mercado
Jogo de palavras

163 - Fruta boa — SAFO
G da voz
Numerologia
Outono
Sentidos

164 - Alguém — SARAFINA
Palavras
A falácia

Éramos
Poesia comprimido

165 - Às claras — SEBASTIÃO MELLO
Esclarecimento
Estancado
Complemento
Luzes

166 - Sem título I, II, III, IV e V — SÊMELE

167 - Cais do corpo — SERRANO DUPIN
Espelhos
Labirinto de sombras
Outra voz, outra vez
Canção do exílio

168 - Anti-platônico — SHOPENHAUER
Deus fogo
Vontade e medo
Home Faber
Adolescer

169 - Em nome de Maria — S. HERO
Sereia pescada
Cartas mulheres
Outras mulheres
Nega

170 - Soneto da saudade — SIEMPRE
Soneto da boca da noite
Soneto à Carolina
Soneto
Soneto da onda e do mar

171 - Sem título I, II, III, IV e V — SOL

172 - Lamento no inverno — SURCAM
Vereda
Com o pequeno filho de Deus

Tanta dor
Fala de alguém que se apaixonou

173 - Negar-se — SYLVIA
Quimera
Viver
Palavras
Bananas

174 - Do tear — TAOH
Renda de bilro
O passador
Retalhos
Velho ofício
Tear noturno

175 - O canto de Schreber — TARCÍSIO
Nesse espaço de tempos alados
No fundo pleno da penumbra
Se o medo pela flauta aflora
Quando nasce pesares

176 - Galeria praça 7 — TEODORO ESMERO
Galeria brilhante
Bazar Café São Jorge
Anjo exterminador
O crepúsculo do anjo

177 - Poema de giz — THOMAS DE CASTRO
Uma forma de Pasárgada
Destemor
Calendário existencial
Sax

178 - Regra estar — TJ
Salivasta
Desafio
Nascente
De repente

179 - Prece em alegria — VENADRIA AMPULKARINES
Elegia de dilaceração
Poesia de amor e morte

	Carta	
	Soneto de gravidade	
180 -	As roupas que visto	VICTOR ASH
	Cansaço	
	Joaquim	
	Terminal	
	Insônia	
181 -	Minas há	VINAME DE ALMEIDA
	Na praça dos homens	
	Sombras	
	Mulher	
	Tempo novo	
182 -	Apoesia é uma fenda de sangue I, II, III, IV e V	VIRIDIANA
183 -	Cata-vento	VIRGÍNIA
	O ipê	
	Paineira	
	Brincando com papagaio	
	Jogo de bola	
184 -	Tanto como quis	WALTER DIAS
	Solar	
	Pôr-de-sol	
	Hora de dormir	
	Foi	
185 -	O náufrago	WILLY
	Amnésia	
	Âncora	
	Suicídio da poesia	
	Kodak	
186 -	Mundo zoo	XAPURI
	Lotação	
	O galo e o Sebastião (filosofia rural)	

Amor (te)

187 - Dois mil e um (2001) — XICO
Asas, coragem e jogo de cintura
Plágio a Mário Quintana
Meu docinho de coco
Rimando

188 - Modernidade — ZAHLÉ
Noites do setão
Mar revolto
Raízes negras
Baile de máscaras

189 - Aqui se passará — ZERO
Resistir
Cúmplice
Pedaços
Processo

190 - Sem título I, II, III, e IV — ZEZA
Crise existencial

191 - A estratégia da Fênix — ZUASÍMODO ABSOLUTO
Carne e osso
Movimento rápido dos olhos
Sétimo céu
Totem

192 - Ícaro — SEM PSEUDÔNIMO
Parábola
Talher
Retrós
Se um dia você for

193 - Berceuse — SEM PSEUDÔNIMO
Adágio
Rondó (diante do relógio)
Allegro (diante do mar: L'Ubriaco che dorme)

Allegro (venti: paisagem na neblina)

194 - Sem título I, II, III, IV e V — SEM PSEUDÔNIMO

195 - Objetos pontilhistas — SEM PSEUDÔNIMO
Da minha infância
Ouro preto
Gravura
Sonoridade

196 - Azul — SEM PSEUDÔNIMO
Poema a Plabo picasso
Assim eu seria um galo
A dança
Cidade do interior

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

PLURAL - Revista Cultural de Excelsior - nº 252 - México DF - **MÉXICO** - 1992

TERRA ADENTRO - Consejo Nacional para Cultura y las Artes y Instituto Nacional de Bellas Artes - n 67 - Mexico DF **MEXICO** - 1995

THE CENTENNIAL REVIEW - nº 3 - College of Arts and Letters - Michigan State University - **USA** - 1992

CUADERNOS HISPANOAMERICANOS - Instituto de Cooperación Iberoamericano - nº 504,, 505, 506, 507, 508, 509, 510 - Madrid - **ESPAÑA** - 1992

REVISTA - Universidad Pontificia Bolivariana - n 136 - vol. 42 - Medellín - **COLOMBIA** - 1993

NEUE ROMANIA - n 11 - Frie Universität Berlin - Berlin - **ALEMANHA**

THE YALE REVIEW - Yale University - vol.82 - nº 2, 3, 4 - Connecticut - **USA** - 1994

REVISTA DA BIBLIOTECA NACIONAL - vol. 2 - nº 4 - Lisboa - **PORTUGAL** - 1989

ANUÁRIO DE LITERATURA - nº 1 - Universidade Federal de Santa Catarina - Florianópolis - **BRASIL** - 1993

THE YALE REVIEW - nº 1, 2 - Connecticut **USA** - 1995

PLURAL - Revista Cultural de Excelsior - nº 257, 258, 259, 260, 261, 262 México - DF - **MÉXICO** - 1993

CUADERNOS HISPANOAMERICANOS - Instituto de Cooperación Iberoamericano - nº 511, 512, 513, 513, 515, 516, 517, 518, 519, 520, 521, 522 - Madrid - **ESPAÑA** - 1994

BOLETÍN DE LA ACADEMIA DE CIENCIAS POLÍTICAS Y SOCIALES - nº 130 - Caracas - **VENEZUELA** - 1995

PSN - PRESSES DE LA SORBONNE NOUVELLE - Université Paris III - Paris - **FRANCE** - 1994

THESAVRVS - Boletín del Instituto Caro y Cuervo - nº 1 - Bogotá - **COLOMBIA** - 1991

LETRAS & LETRAS - Universidade Federal de Uberlândia - nº 1 - vol. 8 Uberlândia - **BRASIL**

TIERRA ADENTRO - Consejo Nacional para Cultura y las Artes y Instituto Nacional de Bellas Artes - nº 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74 e 75 - México DF - **MÉXICO** - 1995

THE CENTENNIAL REVIEW - nº 2 e 3 - College of Arts and Letters - Michigan State University - **USA** - 1993

CUADERNOS HISPANOAMERICANOS - Instituto de Cooperación Iberoamericana - nº 17, 19, 20, 21, 22, 23 - Madrid - **ESPAÑA** - 1994

THE YALE REVIEW - Yale University - nº 3 - vol. 83 - **USA** - 1995

CUADERNOS HISPANOAMERICANOS - Instituto de Cooperación Iberoamericana - nº 524, 525, 526, 527, 528, 529, 530 - Madrid - **ESPAÑA** - 1995

MODÈLES EN LITTERATURE ET EN LINGUISTIQUE PORTUGAISES ET BRÉSILIENNES - Paris - **FRANCE** - 1994

NEUE ROMANIA - nº 12 e 13 - Frie Universität Berlin - Berlin - **ALEMANHA** - 1995

THESAVRVS - Boletín del Instituto Caro y Cuervo - nº 3 - Bogotá - **COLOMBIA** - 1991

LETRAS & LETRAS - Universidade Federal de Uberlândia - nº 2 - vol. 8 - Uberlândia - **BRASIL**

ESTUDOS - Universidade Católica de Goiânia - nº 3 e 4 - vol. 21 - Goiânia - **BRASIL** - 1994

CADERNO DE CULTURA DO ESTUDANTE - nº 8 - Universidade Federal de Sergipe - Aracaju - **BRASIL** - 1991

POLIFONIA - Revista de Letras - Universidade Federal do Mato Grosso - nº 1 - Cuiabá - **BRASIL** - 1994

PLURAL - Revista Cultural de Excelsior - nº 263, 264, 265, 266, 267, 268, 269 e 270 - México DF - **MÉXICO** - 1994

CUADERNOS HISPANOAMERICANOS - Instituto de Cooperación Iberoamericana - nº 532, 533, 534, 535 e 536 - Madrid - **ESPAÑA** - 1995

GARATUJA - Suplemento Cultural do Jornal Lacônicos - Bento Gonçalves - BRASIL - 1995

LA MULA - año 2 - nº 18 - San Luís - **ARGENTINA** - 1994

CADERNO CEDES - Centro de Estudos Educação e Sociedade - nº 1 - Campinas - **BRASIL** - 1994

NEUE ROMANIA - nº 14, 15 e 15 - Frie Universität Berlin - Berlin - **ALEMANHA** - 1995

THE CENTENNIAL REVIEW - College of Arts and Letters - Michigan State University - nº 1, 2 e 3 - **USA** - 1994

JADERNOS HISPANOAMERICANOS - Los Complementarios 13/ 14 - Madrid - **ESPAÑA** - 1994

LETRAS - PUC/ Campinas - nº 1/2 - vol.12 - Campinas - **BRASIL** - 1993

SEMIOSFERA - Humanidades/Tecnologia - Universidade Carlos III - nº 1 - Madrid - **ESPAÑA** - 1994

MULHER E LITERATURA NO RN - org. Constância Lima Duarte - Col. Humanas Letras - NEPAM - Natal - **BRASIL** - 1994

THE CENTENNIAL REVIEW - College of Arts and Letters - Michigan State University - nº 1 - **USA** - 1995

PLURAL - Revista Cultural de Excelsior - nº 271, 272, 273, 274, 275, 276, 277, 278 e 279 - México DF - **MÉXICO** - 1995

VIVÊNCIA - CCHLA - Universidade Federal do Rio Grande do Norte - nº 2 - vol. 8 - Natal - **BRASIL** - 1994

LA MULA - año 2 - n 19 - San Luís - **ARGENTINA** - 1994

CARTAS

Algumas críticas à Revista Literária do Corpo Discente da UFMG

" ... agradeço bastante em nome do Departamento de Português ... peço a V. Exma. para dignar estudar a possibilidade de apoiar-nos mandando material de divulgacão da língua e literatura portuguesas no estrangeiro pois não temos nenhuma relação com o Brasil nesse âmbito ..."

XU YIXING - Subdiretora do Deptº de Português da Shanghai International Studies University Shanghai - CHINA

" ... Não temos recebido, desde março de 1994, a RL. O que aconteceu? Não me digam que deixou de circular! Isso é inadmissível !!! "

Jacques Holl - Curitiba - Paraná - BRASIL

" ... Nós do Jornal Universo Cultural temos o prazer de parabenizar sua pessoa pelo trabalho que vem desenvolvendo, com certeza de que muito tem contribuído para o enriquecimento do nosso universo literário e artístico ... "

UNIVERSO CULTURAL - Jornal Educacional, Literário e Artístico - São Sebastião do Paraíso - Minas Gerais - BRASIL

" ... Na oportunidade, agradecendo o envio, gostaria de ressaltar a importância da iniciativa, já consolidada, por terem alcançado o 25º número. Parabéns! "

LUCÍLIA DE ALMEIDA NEVES DELGADO
Pró-Reitora de Graduação da UFMG
BELO HORIZONTE - BRASIL

" ... Já faz algum tempo que não tenho o prazer de me deleitar com a leitura dos contistas mineiros. A última RL que recebi foi a 25 em 1994. Não me deixem fora dessa. Por favooorrr!!!

Jeremias Palhares
Rio de Janeiro - BRASIL

ENGENHEIROS DA POESIA

Os construtores de versos rachados
Versos - pilares trincados
Versos-pontes onde não existem rios
Versos-represas onde não há corredeiras
Salve os engenheiros-poetas-letrados
Salve os versos abstratos
Salve as falsas metáforas
Salve a poética-estética-visual-vazia
Salve a poesia em telas e quadros
Salve os poetas-pintores-abstratos
Salve a emoção patética
Salve o pincel/caneta (que treta!)
Salve os doutorados-mestrados-caducos
Salve os docentes/discentes descrentes
Salve o verso/projeto calculado com régua,
lapiseira e compasso
Salve os poemas paridos pela HP's
Salve a poesia de bancos de escola
Salve os engenheiros da poesia ! ...
Salve ! ...

Poema inspirado na Revista Literária nº 25

Pedro Marzzagão
Belo Horizonte - BRASIL